



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E SOCIAIS APLICADAS**  
**CAMPUS ANTÔNIO MARIZ – CAMPUS VII**  
**COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO**

**Mayara Gomes da Silva**

**EMPREENDEDORISMO FEMININO E INFORMALIDADE: UM RETRATO DO**  
**DISTRITO SANTA GERTRUDES, PATOS-PB**

**Patos-PB**  
**2015**

**Mayara Gomes da Silva**

**EMPREENDEDORISMO FEMININO E INFORMALIDADE: UM RETRATO DO  
DISTRITO SANTA GERTRUDES, PATOS-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Administração da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento das exigências legais à obtenção do grau de Administrador.

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Ms. Eunice Ferreira Carvalho**

**Patos, 2015**

S586e Silva, Mayara Gomes da  
Empreendedorismo Feminino e Informalidade [manuscrito] :  
um retrato do Distrito Santa Gertrudes, Patos - PB / Mayara  
Gomes da Silva. - 2015.  
59 p.

Digitado.  
Monografia (Graduação em Administração) - Universidade  
Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2015.  
"Orientação: Profa. Ma. Eunice Ferreira Carvalho, CCEA".

1. Empreendedorismo feminino. 2. Mercado de trabalho em  
Santa Gertrudes. 3. Setor formal em Patos. 4. Setor informal em  
Patos. I. Título. 21. ed. CDD 650.1

**Mayara Gomes da Silva**

**EMPREENDEDORISMO FEMININO E INFORMALIDADE: UM RETRATO DO  
DISTRITO SANTA GERTRUDES, PATOS-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado  
em Administração da Universidade Estadual da  
Paraíba em cumprimento das exigências legais à  
obtenção do grau de Administrador.

Aprovada em 16/04/2015

**Banca Examinadora**



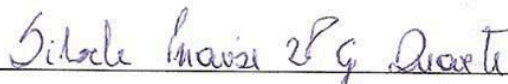
**Profª. Ms. Eunice Ferreira Carvalho/UEPB**

**Orientadora**



**Prof. Ms. Felipe César da Silva Brito/UEPB**

**Examinador**



**Profª. Drª. Sibeke Thaise Viana Guimarães Duarte/UEPB**

**Examinador**

Dedico à meu Deus e a minha mãe, pessoas de maior significado em  
minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Acima de tudo, e de todas as coisas, agradeço ao meu DEUS, aquele que comanda minha vida e meus passos. Por tantas dificuldades superadas e por tantos momentos felizes, agradeço Senhor!

À minha família, em especial minha mãe, pessoa que tanto amo, por todo apoio que me deu ao longo da vida.

À todos os professores que colaboraram com meu aprendizado ao longo dessa graduação. Em especial, a professora Eunice Ferreira Carvalho, minha orientadora, que se dispôs a colaborar com este trabalho.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente com essa minha conquista. Levarei para sempre comigo as boas lembranças e o aprendizado que desfrutei ao longo desse tempo.

Obrigada por tudo meu DEUS!!!

“A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original”.

Albert Einstein

## RESUMO

No Brasil, o empreendedorismo feminino e a informalidade tem-se apresentado como fenômenos de grande amplitude no século presente. As mulheres por sua vez, estão cada vez mais inseridas no mercado de trabalho na condição de empreendedoras, e a prática do empreendedorismo informal ainda apresenta-se como uma das maiores alternativas de sobrevivência para os indivíduos que vivem em regiões pobres e carentes do país. Neste sentido, buscou-se como objetivo neste trabalho: conhecer as principais razões que levaram as mulheres do distrito Santa Gertrudes a ingressarem no setor informal. Assim, com vistas a atender este objetivo, o estudo buscou conhecer os principais empreendimentos informais liderados por mulheres no distrito estudado; identificar os principais fatores que motivaram cada uma dessas mulheres a empreender; e mensurar a importância do empreendedorismo feminino na região estudada. Desse modo, realizou-se um estudo de campo, com uma população de 20 empreendedoras que desempenham atividades informais na região. A pesquisa foi do tipo descritiva, com uma abordagem quanti-qualitativa. A coleta de dados foi feita por meio de uma entrevista realizada junto às empreendedoras informais de Santa Gertrudes, sendo estes, analisados e registrados em tabelas e gráficos. Os resultados permitiram identificar três motivos principais que justificam o ingresso dessas empreendedoras nesse tipo de atividade: a vontade de ter seu próprio negócio; a falta de oportunidade de emprego na região; e a independência de horários fixos e da rigidez patronal. Compreende-se portanto que, a informalidade ainda representa uma grande oportunidade para os indivíduos dessa região, pois, é por meio desse tipo de atividade que muitas famílias do Distrito Santa Gertrudes tiram seu sustento. Por fim, a realidade desse distrito também aponta para a necessidade de se investir em políticas de emprego que transcreva a realidade do mercado de trabalho dessa região, a fim de oferecer melhores condições de vida para seus habitantes. Desse modo também recomenda-se reflexões sobre práticas que continuem possibilitando a integração das mulheres no mercado de trabalho, através de iniciativas empreendedoras.

**Palavras-chave:** empreendedorismo feminino, mercado de trabalho, setor formal e informal.



## **ABSTRACT**

In Brazil, women's entrepreneurship and informality has been presented as large-scale phenomena in the current century. Women however, are becoming increasingly in the labor market in entrepreneurial condition, and the practice of informal entrepreneurship still presents itself as one of the highest survival alternatives for those who live in poor and deprived areas of the country. To that effect, it was aimed in this paper: to know the main reasons why women in the district of Santa Gertrudes to join the informal sector. Thus, in order to meet this goal, the study sought to know the main informal enterprises led by women in the study district; identify the main factors that motivated each of these women to undertake; and measure the importance of female entrepreneurship in the region studied. Thus, it was held a field study, with a population of 20 entrepreneurs who perform informal activities in the region. The research was descriptive with a quantitative and qualitative approach. The data collection was made through of an interview conducted with the informal entrepreneurial from St. Gertrudes, which are analyzed and recorded in tables and graphs. The results showed three main reasons for the entry of these entrepreneurs in this type of activity: the desire to have your own business; the lack of employment opportunities in the region; and the independence of fixed schedules and employer rigidity. Therefore it is understandable that informality still represents a great opportunity for individuals of this region because it is through this type of activity that many families of the District of Santa Gertrudes get their source of livelihood. Finally, the reality of this district also points to the need to invest in employment policies transcribe the reality of the labor market of the region in order to provide better living conditions for its inhabitants. Thereby also recommended reflections on practices that continue allowing the integration of women into the labor market through entrepreneurial initiatives.

**Keywords:** Women's Entrepreneurship; Labor Market; Formal and Informal Sector

## LISTAS

### LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01- Faixa etária das empreendedoras.....	31
GRÁFICO 02- Estado civil das empreendedoras.....	32
GRÁFICO 03- Grau de instrução das empreendedoras.....	33
GRÁFICO 04- Quantidade de filhos das empreendedoras.....	35
GRÁFICO 05- Condição de chefe de família das empreendedoras.....	36
GRÁFICO 06- Renda média familiar das empreendedoras .....	37
GRÁFICO 07- Principal fator de motivação para criação do empreendimento.....	38
GRÁFICO 08- Se antes de iniciar o negócio já exerceu algum trabalho formal.....	39
GRÁFICO 09- Setor que exerce o negócio.....	40
GRÁFICO 10- Local onde a empreendedora exerce suas atividades .....	41
GRÁFICO 11- Jornada de trabalho das empreendedoras .....	42
GRÁFICO 12- Principal motivação para o ingresso na atividade informal.....	44
GRÁFICO 13- Se a empreendedora gosta do que faz.....	45
GRÁFICO 14- Se a empreendedora pensa em atuar em outra ocupação.....	46

## LISTA DE SIGLAS

CLT .....	Consolidação das Leis do Trabalho
CNDL.....	Confederação Nacional dos Dirigentes Lojistas
GEM.....	Global Entrepreneurship Monitor
IBGE.....	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MTE.....	Ministério do Trabalho e Emprego
OIT.....	Organização Internacional do Trabalho
PNAD.....	Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílio
SEBRAE.....	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SPC.....	Serviço de Proteção ao Crédito
UEPB.....	Universidade Estadual da Paraíba

## LISTA DE TABELAS

TABELA 01- Faixa etária das empreendedoras.....	30
TABELA 02- Estado civil das empreendedoras.....	31
TABELA 03- Grau de instrução das empreendedoras.....	33
TABELA 04- Quantidade de filhos das empreendedoras.....	34
TABELA 05- Condição de chefe de família das empreendedoras.....	35
TABELA 06- Renda média familiar das empreendedoras .....	36
TABELA 07- Principal fator de motivação para criação do empreendimento.....	37
TABELA 08- Se antes de iniciar o negócio já exerceu algum trabalho formal.....	39
TABELA 09- Setor que exerce o negócio.....	40
TABELA 10- Local onde a empreendedora exerce suas atividades .....	41
TABELA 11- Jornada de trabalho das empreendedoras .....	42
TABELA 12- Principal motivação para o ingresso na atividade informal.....	43
TABELA 13- Se a empreendedora gosta do que faz.....	45
TABELA 14- Se a empreendedora pensa em atuar em outra ocupação.....	46

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I- ABORDAGENS SOBRE EMPREENDEDORISMO .....</b>	<b>15</b>
1.1 EMPREENDEDORISMO: CONCEITOS E EVOLUÇÃO HISTÓRICA .....	15
1.2 EMPREENDEDORISMO FEMININO.....	18
1.2.1 Empreendedorismo feminino no Brasil .....	20
1.3 MERCADO DE TRABALHO FORMAL E INFORMAL .....	21
1.3.1 Mercado de trabalho informal no Brasil.....	23
<b>CAPÍTULO II- CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO.....</b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO III- ASPECTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>27</b>
<b>CAPÍTULO IV- ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>30</b>
4.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS EMPREENDEDORAS INFORMAIS DE SANTA GERTRUDES.....	30
4.2 CARACTERIZAÇÃO DOS EMPREENDIMENTOS E RAZÕES PARA INGRESSAR NA INFORMALIDADE .....	40
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>50</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>57</b>

## INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas pôde-se observar um aumento significativo da figura feminina no mercado de trabalho mundial. No Brasil, essa participação se deu expressivamente a partir da década de 1990, quando o mercado de trabalho brasileiro passa por uma série de crises, apresentando sinais de desestruturação e elevados índices de desemprego. De acordo com Dornelas (2001), é a partir desse momento que o empreendedorismo passa a ganhar força no país.

Gomes (2006), assegura que é diante desse cenário amplamente competitivo, e com grandes dificuldades de se encontrar emprego, especialmente o primeiro, que o empreendedorismo desponta para muitos como uma opção de trabalho.

De acordo com o GEM- Global Entrepreneurship Monitor (2002) os empreendedores são motivados de duas formas: tanto pela identificação de oportunidades, quanto pela necessidade de empreender. O Brasil se destaca pelo fato de ser o país com a taxa mais elevada de empreendedores por necessidade, acima de países como a Índia, China, Argentina e Chile. Segundo dados do GEM (2007), são justamente os países com maiores níveis de pobreza e desigualdade que criam ou recolocam as práticas empreendedoras como alternativas de sobrevivência e de inserção no mercado de trabalho.

No que se refere à participação da mulher na atividade empreendedora, pode-se afirmar que esta, é uma característica do empreendedorismo dos países pobres ou em desenvolvimento. Estudos reforçam que uma elevada taxa de empreendedorismo feminino nem sempre significa um dado positivo em termos de posição social, econômica ou cultural, pois pode estar associados às condições de um trabalho precário, voltado para a informalidade.

Nos países em desenvolvimento, as mulheres constituem a maioria dos microempreendedores da economia informal, e um percentual significativo do setor formal. A informalidade por sua vez, tem sido uma das características estruturais e históricas marcantes no mercado de trabalho brasileiro. Ela surge em decorrência do processo de urbanização, e vem acompanhada de forte concentração da pobreza, contribuindo assim com a elevação do índice de desemprego nas cidades, e tornando o acesso ao emprego formal cada vez mais difícil.

O setor informal, por sua vez, caracteriza-se pela produção em pequena escala, pelo

reduzido emprego de técnicas e pela quase inexistência de separação entre capital e trabalho. Outras características como facilidade de entrada, propriedade individual ou familiar do empreendimento e ilegalidade das atividades perante o governo também fazem parte dessa realidade.

Em regiões pobres e carentes onde o número de empregos formais é bem reduzido, constituir seu próprio negócio, é geralmente a única possibilidade de obter trabalho e auferir renda. Portanto, em um contexto de índices crescentes de desemprego e desigualdades sociais, o empreendedorismo desponta como alternativa para muitos brasileiros, se constituindo uma importante prática para o desenvolvimento local, como é o caso do Distrito Santa Gertrudes, região pertencente à cidade de Patos-PB.

De acordo com dados do IBGE (2010) o Distrito de Santa Gertrudes, possui uma população equivalente a 1.973 habitantes. A participação feminina no mercado local é bem perceptível. Na área urbana do Distrito, o número de mulheres supera o de homens. São geralmente mulheres simples, que criam seus próprios empreendimentos e vão aumentando aos poucos, ganhando destaque em diversos ramos de atividades.

Considerando a relevância dos pequenos empreendimentos e, além disso, o fortalecimento do capital social na região, busca-se responder a seguinte questão enquanto problema de pesquisa: quais as principais razões que levaram as mulheres do Distrito Santa Gertrudes a ingressarem no setor informal?

No Brasil, o empreendedorismo vem crescendo ano após ano. De acordo com Dornelas (2005), nota-se no país uma crescente preocupação das escolas e universidades a respeito do assunto, por isso que o tema vem ganhando ênfase no meio acadêmico. O fato é que o empreendedorismo está começando a ser tratado no Brasil com o grau de importância que lhe é devido. O mesmo autor ainda assegura que é oportuno um estudo mais profundo a respeito do termo empreendedorismo, e essa importância se dá porque a maior parte dos negócios criados no país é concebida por pequenos empresários, inclusive por mulheres.

Partindo desse pressuposto, o presente estudo justifica-se no que se refere às suas contribuições teóricas, pelo fato de dar continuidade a temas relevantes da atualidade, incentivando os leitores a desenvolverem contínuas pesquisas na área, bem como disponibilizando informações de interesse para quem almeja atuar nesse cenário.

Do ponto de vista social, pretende-se por meio desse estudo, contribuir com as mulheres empreendedoras do Distrito Santa Gertrudes, mostrando para a população local o

potencial ativo e criativo que existe em cada uma delas. Desse modo, o estudo também representa uma grande oportunidade para a própria região pesquisada, pois permite explorar um pouco mais da realidade vivida nessa comunidade.

De cunho pessoal, levou-se em consideração a afinidade da autora com o tema abordado. Por fazer parte de um projeto de extensão da universidade voltado para a área de empreendedorismo, surgiu o desejo de aprofundar-se mais no assunto, porém, tomando como elemento de estudo a mulher empreendedora. Como assegura Gil (1999), é importante que o ser humano conheça o mundo que o rodeia, para que dessa forma possa compreender melhor a natureza das coisas e o comportamento das pessoas.

Partindo-se da problemática elegida para o estudo, a pesquisa apresenta como objetivo geral: conhecer as principais razões que levaram as mulheres do Distrito Santa Gertrudes a ingressarem no setor informal.

Com base no objetivo geral, tem-se como objetivos específicos: conhecer os principais empreendimentos informais liderados por mulheres no Distrito estudado, a fim de mensurar essa atividade na região; identificar os principais fatores que motivaram cada uma dessas mulheres a empreender; e comparar os fatores motivacionais comuns existentes entre as mulheres estudadas.

A pesquisa está estruturada em quatro capítulos. O primeiro faz uma abordagem sobre o tema empreendedorismo, apresentando conceitos de diversos autores acerca do termo, bem como sua evolução histórica. Também se aborda nesse capítulo assuntos referentes ao empreendedorismo feminino, empreendedorismo feminino no Brasil; mercado de trabalho formal e informal e mercado de trabalho informal no Brasil.

No segundo capítulo será apresentado o objeto de estudo, que se trata da caracterização do Distrito Santa Gertrudes e de suas mulheres empreendedoras. No terceiro capítulo serão apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa, esclarecendo os principais métodos e técnicas empregados no estudo. Por fim, no quarto e último capítulo, será realizado o tratamento e análise dos dados coletados, a fim de esclarecer os resultados da pesquisa.



## **CAPÍTULO I- ABORDAGENS SOBRE EMPREENDEDORISMO**

Nesse capítulo será apresentado um levantamento bibliográfico com diversos autores a respeito do tema em estudo, a fim de se compreender melhor o assunto abordado nesta pesquisa.

### **1.1 EMPREENDEDORISMO: CONCEITOS E EVOLUÇÃO HISTÓRICA**

Empreendedorismo é um neologismo derivado da livre tradução da palavra *entrepreneurship*, utilizado para designar os estudos relativos ao empreendedor, seu perfil, suas origens, seu sistema de atividades, seu universo de atuação. Para Fillion (1999) o campo do empreendedorismo pode ser definido como aquele que estuda os empreendedores; examina suas atividades, características, efeitos sociais e econômicos e os métodos de suporte usados para facilitar a expressão da atividade empreendedora.

De acordo com Dolabela (1999, p.43), o termo empreendedor pode ser atribuído à pessoa que se “dedica à geração de riqueza, seja na transformação de conhecimentos em produtos ou serviços, na geração do próprio conhecimento ou na inovação em áreas como marketing, produção, organização, etc.”.

Já para Dornelas (2005, p.39), “empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades. E a perfeita implementação destas oportunidades leva à criação de negócios de sucesso”. Segundo o autor, uma ideia isolada não tem valor se não for transformada em algo viável de modo a se transformar numa oportunidade de mercado.

Uma das definições mais antigas e que mais reflete a de espírito empreendedor é a de Schumpeter (1982, p.60) para ele, “o empresário é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais”.

A existência de distintos conceitos deve-se ao fato de terem sido propostos por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Duas correntes principais, entretanto, tendem a conter elementos comuns a maioria delas e são formadas por pioneiros no campo: os economistas de corte liberal, que associam empreendedorismo à inovação; e os psicólogos, que enfatizam aspectos atitudinais, como criatividade e intuição, tentando compreender o

empreendedor como pessoa. A abordagem dos economistas é esclarecida por meio de seus principais representantes: Cantillon, Say e Schumpeter. Já a visão dos psicólogos é representada por intermédio de comportamentalistas como McClelland e Weber.

Pesquisadores do assunto concordam que o termo empreendedorismo foi originado das obras de Richard Cantillon (1680-1734), banqueiro e economista do século XVIII. Naquele tempo, Cantillon chamou de empreendedores as pessoas que compravam mercadorias por um preço certo e as vendiam a terceiros por preços incertos. Para o autor, os empreendedores tinham que comercializar suas mercadorias de um modo a gerar lucro além do esperado, assumindo os riscos inerentes a seu negócio. Cantillon é considerado por muitos como um dos criadores do termo empreendedorismo, pois foi um dos primeiros a diferenciar o empreendedor (aquele que assume riscos), do capitalista (aquele que fornecia o capital).

Mais adiante, o industrial, economista e clássico francês, Jean Baptiste Say (1767-1832) também começou a demonstrar interesse pelos empreendedores. Say considerou o desenvolvimento econômico como resultado da criação de novos empreendimentos. Assim, elaborou uma teoria das funções do empresário e atribuiu-lhe um papel especial e de grande importância na dinâmica de crescimento da economia. Por ser um dos primeiros autores a abordar o assunto, Say é considerado por muitos como o pai do empreendedorismo. Sua visão sobre o empreendedor – alguém que inova e é agente de mudanças – permanece até hoje.

Foi, porém, Schumpeter que deu projeção ao tema, associando a figura do empreendedor ao conceito de inovação e apontando-o como elemento capaz de disparar e explicar o desenvolvimento econômico. De acordo com a visão schumpeteriana, o desenvolvimento econômico processa-se com o auxílio de três fatores fundamentais: as inovações tecnológicas, o crédito bancário e o empresário inovador. De acordo com tal visão, o empresário inovador é aquele indivíduo capaz de realizar novas combinações, mobilizar crédito bancário e empreender um novo negócio.

Schumpeter (1982), define as “novas combinações” como as empresas, e os indivíduos capazes de realiza-las como “empreendedores”. Por isso, quando se reportam ao empresário inovador de Schumpeter, os pesquisadores da área afirmam consensualmente que ele foi um dos autores que deu projeção ao tema empreendedorismo e, conseqüentemente, ao empreendedor (DRUCKER, 1987; FILION, 1999; DOLABELA, 1999; PAULA; CERQUEIRA; ALBUQUERQUE, 2000; DORNELAS, 2001).

A segunda corrente a ser estudada vem da psicologia – a comportamentalista, que

dominou a área do empreendedorismo entre as décadas de 1970 e 1980 do século anterior. Esta supremacia coincide com o progresso das ciências do comportamento que tiveram grande contribuição de David McClelland e Max Weber. Suas obras buscavam analisar o empreendedorismo a partir de características da personalidade. Foi nesse contexto que os comportamentalistas passaram a questionar-se sobre “quem é o empreendedor”.

Weber foi o precursor das primeiras contribuições ao assunto, pois procurava associar o sistema de valores dos empreendedores como elemento explicativo dos seus comportamentos. McClelland por sua vez, também proporcionou várias contribuições às discussões sobre o tema, pois tentou mostrar que os seres humanos tendem a repetir seus modelos de referência. No entanto, este estudioso sofreu inúmeras críticas em relação a seus trabalhos, pois, deixou de considerar que as pessoas mudam segundo o contexto e a circunstância a qual são expostas. Assim, o que motiva um indivíduo de uma certa região, em um certo momento não obrigatoriamente motivará um indivíduo de uma região diferente em contextos e momentos diferentes.

É por isso que autores como Dolabela (1999) e Filion (1999) abordam a dificuldade de se estabelecer um perfil absolutamente científico do empreendedor e ainda propõem que o empreendedorismo seja um fenômeno regional, pois entendem que a cultura, as necessidades e os hábitos de uma região determinam comportamentos.

Assim, conforme afirma Dolabela (1999), o empreendedorismo é:

[...] fruto dos hábitos, práticas e valores das pessoas. Existem famílias mais empreendedoras do que outras, assim como cidades, regiões, países. Na verdade aprende-se a ser empreendedor pela convivência com outros empreendedores [...] o empreendedor aprende em um clima de emoção e é capaz de assimilar a experiência de terceiros. (DOLABELA, 1999, p. 31).

Até os anos 90, muitos trabalhos investigaram e tentaram identificar as características e os traços de personalidade dos empreendedores. Embora tenham alcançado resultados interessantes, não conseguiram chegar a um perfil definitivo. A realidade demonstra de um modo geral, que o empreendedor não possui uma característica absoluta e completa, mas os traços que lhes são atribuídos podem servir como uma ferramenta de avaliação para certificação do espírito empreendedor.

Gomes (2006) afirma que:

O fato de várias disciplinas estudarem o campo do empreendedorismo faz com que haja algumas confusões nas definições. Entretanto, é possível verificar um certo consenso na mesma área. Por exemplo, os economistas associam o empreendedor à inovação e a forças direcionadas de desenvolvimento. Os comportamentalistas tendem a identificar características como criatividade, persistência, internalidade e liderança. Os administradores, também, possuem seus olhares. Cada área funcional da administração enfatiza determinadas características, mas isso não quer dizer que sejam diferentes, porém talvez complementares. [...] Portanto, os inúmeros entendimentos sobre o empreendedor variam de acordo com a área de interesse do pesquisador. A aparente confusão reflete, basicamente, a lógica e as culturas dessas disciplinas (GOMES, 2006, p.45).

Desse modo, é possível compreender que o conceito de empreendedorismo não teve grandes variações ao longo do tempo, o que facilita o entendimento a respeito do termo. De uma maneira geral compreende-se que os empreendedores são pessoas inovadoras, criativas e proativas que apostam em algo e fazem acontecer, contribuindo assim com o desenvolvimento econômico do país, da região e da sociedade à qual estão inseridos.

## 1.2 EMPREENDEDORISMO FEMININO

No decorrer da história, as mulheres sempre foram vítimas de grandes preconceitos, discriminações e desafios, principalmente no que se refere à sua atuação no mercado de trabalho. Durante séculos suas atividades foram restritas ao lar, onde existia uma rígida divisão de tarefas entre os sexos.

Com a Revolução Industrial esse quadro passa a ser lentamente modificado, e muitas mulheres passam a se inserir no mercado de trabalho por meio da atividade fabril. A necessidade de complementação da renda familiar fez com que muitas delas fossem introduzidas no trabalho remunerado de maneira forçada, sendo obrigadas a desempenhar tarefas penosas e de baixa remuneração (GIRÃO, 2001).

No entanto, cabe ressaltar que o aumento da participação feminina no mercado de trabalho só ocorreu de fato no século XX, devido a alguns eventos ocorridos na época. Em primeiro lugar pode-se citar a Revolução Russa de 1917, que tinha como princípio igualdade de acesso ao trabalho para homens e mulheres. Em segundo lugar, destacam-se os anos da Grande Recessão, como período de acomodação entre as parcelas que constituíam a oferta de empregos nos países industrializados: isso favoreceu a ocupação da mulher em várias profissões, principalmente pela sua baixa remuneração. Entretanto, o evento impulsionador e

de maior relevância foi a Segunda Guerra Mundial, que tornou imprescindível a contratação de mulheres para as potências envolvidas com a guerra, levando muitas delas a desempenharem atividades exclusivamente masculinas. Assim, somente a partir da segunda metade do século XX é que se encontram oportunidades para a inserção das mulheres em outras atividades profissionais.

Nas últimas décadas, as mulheres vem conseguindo grandes avanços em sua vida profissional, e um fator que vem chamando bastante atenção consiste em sua participação expressiva no campo do empreendedorismo.

Segundo Carreira, Ajamil e Moreira (2001), dois fenômenos econômicos contribuíram para inserção das mulheres no mercado na condição de empresárias. O primeiro foi o crescimento considerável do setor de serviços, que as levou a se lançarem como empresárias de pequenas empresas para explorar as oportunidades do setor. O segundo fenômeno foi à terceirização. Tanto um como outro vêm gerando oportunidades de trabalho por conta própria para muitas mulheres.

É importante, no entanto, ressaltar que a inserção da mulher no mundo do trabalho não foi um fenômeno simples e de resultados facilmente alcançáveis. Essa inclusão vem sendo acompanhada, ao longo desses anos, por elevado grau de discriminação, não só no que tange à qualidade das ocupações que têm sido criadas no mercado formal e informal, mas principalmente no que se refere à desigualdade salarial entre homens e mulheres.

Ainda de acordo com Carreira, Ajamil e Moreira (2001), vários problemas foram e continuam sendo enfrentados pelas mulheres no mundo do trabalho: salários menores do que os dos homens por trabalhos equivalentes; dupla jornada (exige-se que as mulheres sejam ótimas mães e donas-de-casa antes de ser profissionais); deficiência nas políticas sociais, que impedem o acesso aos serviços de apoio familiar, como creches, refeitórios, e outros equipamentos sociais a mulheres de menor renda; menores chances de capacitar-se profissionalmente naquelas áreas rentáveis, cujas vagas são destinadas majoritariamente aos homens (as profissões com remunerações menores são ainda as que oferecem maiores chances às mulheres); e falta de voz nos espaços de decisão e de poder para negociar acordos coletivos de trabalho, devido às desigualdades de gênero nas próprias relações sindicais.

Machado et al (2003) aponta alguns motivos que levam a mulher a empreender: desejo de realização e independência, percepção de oportunidade de mercado, dificuldades em

ascender na carreira profissional em outras empresas, necessidade de sobrevivência ou uma maneira de conciliar trabalho e família.

Leite (1994, p.136) propõe uma generalização a propósito da motivação que leva a mulher ao mercado de trabalho: “trata-se, sobretudo, de uma necessidade básica do ser humano, qual seja, a de encontrar no trabalho uma verdadeira fonte de realização pessoal e até mesmo de prazer”.

Para Gomes (2006), independente do motivo que as levaram ao mercado de trabalho, o fato é que as mesmas estão marcando presença nesse espaço, inclusive no trabalho por conta própria, apesar das dificuldades e barreiras impostas.

### 1.2.1 Empreendedorismo feminino no Brasil

Após um longo período de invisibilidade, por volta das últimas décadas do século XX, as mulheres passam a ganhar destaque no cenário econômico mundial, inclusive no Brasil. No país, esse crescimento intensifica-se excepcionalmente a partir da década de 1970 e perdura até os dias de hoje.

Segundo Ramos (2006, p. 71), “no Brasil, houve um acréscimo de 25 milhões de trabalhadoras entre 1976 e 2002”, sendo que “em 1976, 28 em 100 mulheres trabalhavam, o século XXI iniciou com a metade das mulheres trabalhando ou procurando trabalho”.

Em 2000, inicia-se a pesquisa do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) para analisar a evolução do empreendedorismo no Brasil, sob a coordenação do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). De acordo com esses órgãos, o empreendedorismo feminino tem sido crescente, ainda que assuma características mais de sobrevivência do que por oportunidade.

Segundo Aquilini e Costa (2003), a taxa de desemprego entre as mulheres sempre foi superior à dos homens, por isso que os principais motivos que atraem as mulheres para o mundo do empreendedorismo ainda giram em torno das necessidades financeiras. No entanto, esse quadro vem se revertendo ao longo dos anos. Estudos recentes do GEM comprovam que essa realidade está mudando. Hoje, a maioria das mulheres, cerca de (66%) abre uma empresa por oportunidade, enquanto que 44% delas abre por necessidade. Das cerca de seis milhões de micro e pequenas empresas existentes no Brasil, algo entre 30 e 35% são

lideradas por mulheres. Chegando a um total de 49,6% dos novos negócios.

Atualmente o Brasil tem 8,7 milhões de empreendedores – 2,6 milhões são mulheres e 884 mil levaram o negócio pra dentro de casa. Um número bem maior do que entre os homens (366 mil). De acordo com o GEM as mulheres estão à frente de 52% das novas empresas – com menos de 3,5 anos (três anos e cinco meses) – no Brasil.

Wilkens(1989) afirma que muitas delas vêm deixando de lado empregos seguros em troca do risco de abertura de novos empreendimentos numa velocidade cinco vezes maior do que seus parceiros do sexo masculino. Isso representa um grande salto da presença das mulheres na população empreendedora do país e caracteriza uma mudança histórica no mundo, uma vez que os homens sempre lideraram o ranking.

### 1.3 MERCADO DE TRABALHO FORMAL E INFORMAL

Atualmente, três dimensões revelam as alterações marcantes no cenário mundial do trabalho, são elas: a flexibilização, o desemprego e a informalidade. São na verdade, três aspectos de uma mesma realidade, que se entrelaçam e se interligam no movimento de acumulação capitalista.

A flexibilização adveio da crise dos anos 70, tornando o emprego mais incerto, inseguro e precário. O desemprego por sua vez, foi afetado pela introdução de novas tecnologias e novos métodos de gestão, que substituíram gradativamente a força de trabalho por máquinas. Quanto à informalidade, pode-se dizer que a mesma foi consequência do acelerado processo de urbanização, que aumentou o número de trabalhadores nas cidades, agravando o quadro do desemprego.

De acordo com Karl Marx (1988), o trabalho informal é consolidado nos primórdios da introdução do sistema capitalista de produção, sendo composto pelo chamado “exército industrial de reserva”. Esse termo foi utilizado pelo autor como crítica à economia política, referindo-se ao desemprego estrutural<sup>1</sup> das economias capitalistas.

Para o bom funcionamento do sistema capitalista e garantia do processo de acumulação, é necessário que parte da população ativa esteja permanentemente

---

<sup>1</sup> Refere-se àquele em que a vaga do trabalhador foi substituída por máquinas.

desempregada. Esse contingente de desempregados atua, segundo a teoria marxista, como um inibidor das reivindicações dos trabalhadores e contribui para o abaixamento dos salários. Assim, o baixo grau de proteção social reproduziu um mercado de trabalho pouco institucionalizado, marcado pela presença extensa de contratos de trabalho estabelecidos informalmente.

Portanto, pode-se dizer que o trabalho informal é mais uma forma histórica assumida pelo trabalho humano. O trabalho informal é capitalista, no sentido de que existe para servir ao sistema; pois pode ser visto como um produtor indireto de mais-valia, já que se trata de uma espécie de alienação disfarçada, em que o trabalhador paga o seu próprio salário enquanto escoas as mercadorias do capitalismo.

A primeira definição oficial acerca do “Setor Informal”, foi apresentada em 1972 com a publicação de um estudo da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre a economia do Quênia. Posteriormente, outros termos passaram a ser utilizados para identificar as ocupações informais, como “setor não-estruturado”, “setor não organizado” ou “setor não-protégido”, revelando a existência de divergências conceituais para a definição dessas ocupações.

Embora não exista consenso na definição de informal, entende-se, em geral, que a expressão abrange uma diversidade considerável de trabalhadores que enfrentam desvantagens e problemas em comparação aos trabalhadores com emprego formal (aquele em que existe algum tipo de contrato entre empregador e empregado, seja através da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) ou pelo Estatuto do Servidor Público) e, portanto, são privados de condições básicas ou mínimas de trabalho e proteção social (LEONE, 2010, p.9).

Segundo a OIT (1972) o setor informal desenvolveu-se devido à incapacidade de incorporação da população trabalhadora no padrão de emprego capitalista, o que possibilitou o aparecimento de outras estratégias de sobrevivência.

Na atualidade, a informalidade reflete significativamente como exemplo das alterações verificadas no mundo do trabalho. Ao lado do desemprego crescente, resultado direto dos processos de reestruturação produtiva, destaca-se como um fenômeno antigo, mas de grande amplitude no século presente. Esse setor econômico teve um crescimento muito grande nos últimos anos em razão do aumento da taxa de desemprego em diversos países, sendo, portanto, reflexos de uma economia globalizada.

A economia informal sustenta uma parcela da população mundial que por falta de



oportunidades de emprego passa a viver à margem da formalidade. Com a ausência de empregos que ofereçam estabilidade, a massa da população desempregada procura permanecer em atividades que lhe proporcionem novas formas de ocupação. Daí surgem às cooperativas, empresas familiares, autônomos, trabalho domiciliar, vendas diretas, atividades essas, que passam a oferecer uma nova chance de inserir no mercado de trabalho, seja como subordinado de alguém, ou como próprio chefe.

Uma das divergências entre os setores (formal e informal) é a maneira de crescimento das empresas. Enquanto que no mercado formal há maiores possibilidades de crescimento utilizando ferramentas para a captação de recursos, como empréstimos, parcerias confiáveis e duradouras, os informais enfrentam a falta de conhecimentos e de estratégias para a prática do empreendedorismo e de leis que os impulsionem para a formalização do empreendimento.

Estudos reforçam que no setor “formal”, as pessoas procuram empregos que sigam as normas, respeitem os direitos do trabalhador e que assinem a carteira, além de um bom salário. Apesar de ser o que menos oportunidade tem a oferecer, por ser bastante exigente com os trabalhadores. Em contrapartida, o setor informal apresenta-se completamente o inverso. Não há respeito às normas, aos direitos do trabalhador, não assinam a carteira e ainda há a irregularidade de salário. E por incrível que possa parecer é o tipo de mercado que mais está em crescimento em nosso país.

### 1.3.1 Mercado de trabalho informal no Brasil

O setor informal passa a ganhar destaque no Brasil somente no início dos anos 1990, quando o país passa por uma verdadeira queda na geração de empregos. Enquanto o emprego com carteira assinada perde participação no emprego total, o emprego sem carteira assinada e o emprego por conta própria elevam sua participação expandindo assim o aumento das atividades informais no país.

O crescimento do emprego sem carteira assinada e o por conta própria, denunciam que houve, especialmente após 1994, um movimento crescente de desestruturação no mercado de trabalho brasileiro. Pesquisas demonstram que entre 1990 e 1997, de cada 10 novos empregos, 9 eram criados no setor informal, especialmente, serviços informais para famílias

ou indivíduos.

Um estudo realizado pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e pela Confederação Nacional dos Dirigentes Lojistas (CNDL) para traçar o perfil do trabalhador informal, constatou que, quatro em cada dez brasileiros que estão hoje no mercado informal de trabalho como prestadores de serviços ou vendedores de produtos foram motivados a deixar o emprego formal em busca de autonomia e de flexibilidade no dia a dia. A maioria dos informais são mulheres (50,2%), e o setor de comércio, com 59%, prevalece sobre o de serviços (41%).

De acordo com Alves (1999), os fatores que levam homens e mulheres a se inserirem no mercado informal são distintos. Os homens se inserem porque não conseguem lugar no mercado formal e precisam trabalhar para sustentar a si próprios e sua família. Já as mulheres, encontram no mercado informal uma forma de aumentar a renda familiar.

Estudos recentes comprovam que as micro e pequenas empresas no Brasil ainda apresentam um alto grau de informalidade, sendo ainda maior nas regiões mais pobres do país. Só pra se ter ideia, apenas quatro estados do Norte e Nordeste (Bahia, Pernambuco, Ceará e Pará) concentram 20,1% do total do emprego informal do país.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílio (PANAD), afirmam que somente na Paraíba, o mercado informal está presente em cerca de um milhão de trabalhadores. Os dados do final de 2009 apontam que para cada trabalhador formal existiam outros três informais. Naquele ano, segundo o Ministério do Trabalho, foram registrados 543 mil empregos formais na Paraíba.

Conforme estudo divulgado pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), mais da metade dos trabalhadores paraibanos estão na informalidade. Com base nos dados do censo do IBGE, a taxa de informalidade paraibana chega a 50,4%, fazendo da Paraíba o quarto estado do país com maior número de trabalhadores informais.

Diante do exposto, e tendo em vista um grande número de mulheres que atuam nesse cenário econômico, buscou-se no capítulo subsequente conhecer e analisar o Distrito Santa Gertrudes, a fim de se conhecer mais a respeito dessa comunidade e de suas mulheres empreendedoras que atuam especificamente no mercado de trabalho informal.

## CAPÍTULO II- CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

O presente estudo terá como cenário de análise, a região de Santa Gertrudes, Distrito da cidade de Patos-PB, no entanto, seu foco será voltado especialmente para as mulheres empreendedoras que exercem atividades informais na referida localidade.

A história do distrito, de acordo com o Ministério do Turismo, inicia-se com a conquista de suas terras pelo Sr. Josias Nóbrega, que logo em seguida as vende para o Sr. José Urquiza, que residia na região. Em 1915, José Urquiza vende suas terras em Santa Gertrudes para seu irmão Antônio Urquiza, quando o mesmo permanece como proprietário até o ano de 1954. Em seguida, as terras foram vendidas novamente, dessa vez para o Sr. José Augusto, fazendeiro da cidade de Sousa, cuja gerência pertencia à família Martins, da cidade de Pombal.

Quanto à povoação do distrito, pode-se dizer que ocorreu no período da construção da estrada de ferro, obra realizada por órgãos governamentais no ano de 1932. Em 1959, José Augusto arrenda suas terras para Manoel Candeia de Lucena, conhecido como Manoel Xixi. Em cinco de julho de 1960, pela Lei nº 409, Santa Gertrudes passou a categoria de Distrito, cuja lei foi votada e aprovada na Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba. Em 1964, Manoel Xixi passa de arrendatário para proprietário, permanecendo até quatro de novembro de 1991.

De acordo com o último censo do IBGE (2010), o distrito de Santa Gertrudes possui uma população estimada em torno de 1.973 habitantes, números já computados nos totais do município de Patos. Um detalhe entre o conjunto da população é que em Santa Gertrudes, o número de homens superam o de mulheres, nesse distrito a população feminina representa 49,2% do total da população. Entretanto, cabe ressaltar que na área urbana do distrito, o número de mulheres é superior ao número de homens.

O distrito Santa Gertrudes é o único que restou a Patos desde a década de 1960, quando várias comunidades na Paraíba foram transformadas em municípios. Ocupa uma área territorial equivalente a 206 km<sup>2</sup>, com uma altitude de 245m acima do nível do mar. Sua temperatura média está em torno de 28,5°C. Distanto 316 km da capital, João Pessoa, ligada através das BR-230 e BR-110, o distrito situa-se no Sertão Paraibano, especificamente na Microrregião de Patos, distando porém, 16 km dessa cidade. Sua vegetação predominante é a caatinga, e é banhada por dois rios: Rio Santa Gertrudes e Rio Panati.

A região conta com uma subprefeitura, inaugurada pela prefeita de Patos no dia 22 de Julho de 2014, também conta com posto de saúde, ambulância, pavimentação, abastecimento e saneamento básico. O distrito também é servido por duas escolas, sendo uma estadual e outra municipal. Há também a coleta periódica do lixo, campo de futebol, conjunto habitacional, além de vários programas de apoio à agricultura.

No entanto, apesar de fazer parte da cidade de Patos, que é tida como polo industrial, Santa Gertrudes ainda é pouco desenvolvida e não oferece muita chance para quem quer ingressar no mercado de trabalho. O desejo de ser emancipado ainda é alimentado pelos quase dois mil habitantes que vivem no local, que acreditam que essa seria a oportunidade para o distrito se desenvolver.

A incapacidade de absorver trabalhadores de maneira formal é insuficiente nesse distrito, pois são poucos os estabelecimentos que oferecem a chance de um trabalho com carteira assinada. Assim, é diante dessa incapacidade de atender a demanda do público por um emprego estável e formal, que muitos de seus moradores resolvem apostar na prática do empreendedorismo, criando assim pequenos negócios que lhe permitem a oportunidade de se manter ativamente econômicos.

O crescimento do número de trabalhadores por conta própria tem sido bem perceptível no distrito e as mulheres por sua vez, representam uma grande parcela desses indivíduos. Cada vez mais as mulheres tem se dado conta que o empreendedorismo é uma ótima ferramenta para transformar suas vidas, de suas famílias e de sua comunidade. São geralmente mulheres simples e de grande potencial empreendedor, que apostam em algo e de fato fazem acontecer.

Por meio da criação de pequenos negócios informais, as empreendedoras de Santa Gertrudes vivem um desafio pessoal e profissional, atuando em atividades diversas que variam tanto no ramo de comércio, como de serviços. São portanto pequenos negócios, mas de grande significado em suas vidas.

Assim, foi devido a essa realidade que surgiu o desejo de estudar essas empreendedoras informais, a fim de se conhecer mais detalhes a respeito do trabalho realizado pelas mulheres que atuam nesse cenário econômico.

### CAPÍTULO III- ASPECTOS METODOLÓGICOS

A presente seção tem como propósito apresentar os procedimentos metodológicos desenvolvidos para o estudo em questão, a fim de esclarecer e explicar os métodos e técnicas utilizadas para o desenrolar da pesquisa.

Segundo Roesch (2012, p.126) “todos os projetos utilizam algum tipo de metodologia”. Portanto, faz-se importante o esclarecimento dos conceitos de métodos e técnicas para que se possa ter um maior entendimento a respeito do assunto.

Para Cervo, Bervian e Silva (2007, p.27) “nas ciências, entende-se por método o conjunto de processos empregados na investigação e na demonstração da verdade”. Já as técnicas, são os meios corretos de aplicar e executar o plano metodológico. Portanto, a escolha do método deve estar associada aos objetivos da pesquisa.

De acordo com Gil (2002), a pesquisa pode ser classificada como exploratória, descritiva ou explicativa. No que tange aos objetivos, a pesquisa em questão é do tipo descritiva, que segundo Vergara (2011), é o tipo de pesquisa que serve para expor características de determinada população ou fenômeno, porém, sem o compromisso de explicá-los, embora sirva de base para tal explicação. Gil (2010), assegura que esse tipo de pesquisa serve também para identificar possíveis relações entre as variáveis estudadas.

Quanto aos procedimentos utilizados, trata-se de pesquisa de campo, pois foi coletado dados primários na região estudada (Distrito Santa Gertrudes). Segundo Vergara (2011, p.43) a “pesquisa de campo é investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-los”. Neste caso, podem-se incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes e observação participante ou não. Para Lakatos e Marconi (2007), a pesquisa de campo é utilizada com o propósito de buscar informação e conhecimento a respeito de um algum problema, para o qual se busca uma resposta. Também se dá pelo fato de querer comprovar uma hipótese, ou novos fenômenos relacionados a tais problemas.

No que se refere à forma de abordagem, a pesquisa caracteriza-se como quantitativa, pois aborda as duas naturezas da pesquisa científica, a quantitativa e a qualitativa. Os métodos de pesquisa qualitativa são projetados para ajudar os pesquisadores a compreender as pessoas e os contextos sociais e culturais em que elas vivem (DIAS; SILVA, 2010, p.47). Esse tipo de pesquisa é obtido por meio de entrevistas, documentos e

observações para a compreensão e explicação dos fenômenos. Nas pesquisas qualitativas, é comum ao pesquisador tentar entender os fenômenos por meio dos sujeitos pesquisados, a fim de interpretá-los com maior precisão.

Já a pesquisa quantitativa é aquela que utiliza instrumentos estatísticos para analisar os dados obtidos (GODOY,1995; NEVES,1996).

Pinheiro et al (2006, p.89) afirma que:

A pesquisa quantitativa é um estudo estatístico que procura traçar determinadas características mercadológicas, medindo numericamente os levantamentos adquiridos, relativamente a um problema de pesquisa, propondo verificar se os dados mensuráveis adquiridos em uma amostra são estatisticamente válidos para o universo do qual a amostra foi retirada.

Portanto, a pesquisa quantitativa serve para descrever características de uma determinada situação, medindo numericamente as hipóteses levantadas a respeito de um problema de pesquisa.

De acordo com Roesch (2012, p. 138), “Uma população é um grupo de pessoas ou empresas que interessa entrevistar para o propósito específico de um estudo”. E a amostra por sua vez, de acordo com a autora é entendida como “um subconjunto da população que é representativo nas principais áreas de interesse da pesquisa”. Portanto, compreende-se que a população representa o todo, enquanto a amostra representa apenas uma parcela dessa população.

Vergara (2011), especifica que esse tipo de população mencionada na metodologia não se refere ao número de habitantes de um local, mas ao conjunto de elementos (empresas, produtos, pessoas...) com características comuns a serem estudadas.

Desse modo, o universo da análise aqui, é representado pelas empreendedoras do Distrito Santa Gertrudes que compõem uma população de 20 mulheres que exercem atividades informais na zona urbana do distrito.

Segundo Dias e Silva (2010), a coleta de dados pode ser feitas de duas formas, por meio de dados primários ou dados secundários. Os dados primários são aqueles colhidos diretamente na fonte em que são gerados, ou seja, são colhidos pelo pesquisador através de sua ação no campo. Já os dados secundários, são coletados e registrados por outrem, e estão à disposição do pesquisador em livros, revistas, páginas da internet, ou por meio de outras pesquisas já realizadas.

Por tratar-se de pesquisa de campo, os dados deste trabalho foram coletados por meio de fontes primárias, mediante um roteiro de entrevista direcionado às empreendedoras do Distrito Santa Gertrudes a fim de se conhecer as principais razões que as levaram a ingressar no setor informal.

Conforme afirma Martins (2007, p.52) entrevista “é uma técnica que permite o relacionamento entre entrevistado e entrevistador. Trata-se de um diálogo orientado que busca, através do interrogatório, informações e dados para a pesquisa”. A entrevista possibilita não somente registrar, mas também observar aspectos como a aparência, o comportamento e as atitudes do sujeito entrevistado (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007). É importante ressaltar, que a entrevista apresentada não exigirá nenhum tipo de critério específico às entrevistadas, uma vez que irão ser estudadas mulheres de idades e de ramos distintos.

Com relação ao tratamento dos dados, Vergara (2007) considera a seção na qual se explica para o leitor a forma pretendida de se analisar os dados coletados, justificando assim o modo como estes foram tratados. A autora ainda ressalta que estes dados podem ser tratados com procedimentos estatísticos ou não. Na presente pesquisa, os dados foram tratados de forma estatística por meio de tabelas e gráficos que servirão para explicar e facilitar a compreensão dos resultados obtidos.

## CAPÍTULO IV- ANÁLISE DOS RESULTADOS

O presente capítulo trata da descrição e análise dos dados coletados na pesquisa de campo por intermédio de uma entrevista dirigida às empreendedoras informais do Distrito Santa Gertrudes. A fim de se alcançar os objetivos dessa pesquisa, dividiu-se a entrevista em duas partes. A primeira trata de conhecer o perfil socioeconômico das empreendedoras do distrito, enquanto que a segunda busca caracterizar os empreendimentos liderados por essas mulheres, bem como conhecer as razões que as levaram a ingressar na informalidade.

### 4.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS EMPREENDEDORAS INFORMAIS DE SANTA GERTRUDES

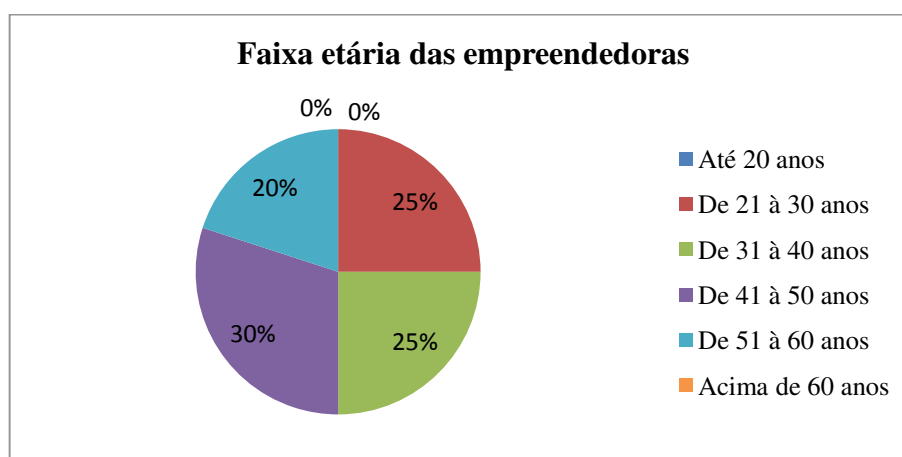
Com o propósito de identificar o perfil socioeconômico das empreendedoras informais do Distrito Santa Gertrudes, analisou-se atenciosamente as características dessa população. Assim, foi possível chegar aos seguintes resultados conforme tabelas e gráficos a seguir. No tocante à faixa etária das empreendedoras, observa-se por meio da tabela 01 que das 20 mulheres entrevistadas 30% tem entre 41 e 50 anos de idade, em seguida com 25% estão as mulheres entre 21 e 30 anos, as de 31 à 40 anos igualmente com 25%, o menor percentual permaneceu com as empreendedoras de 51 à 60 anos de idade representando um total de 20% dessas mulheres.

**Tabela 01: Faixa etária das empreendedoras**

<b>Faixa etária</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
<b>Até 20 anos</b>	<b>00</b>	<b>0</b>
<b>De 21 à 30 anos</b>	<b>05</b>	<b>25</b>
<b>De 31 à 40 anos</b>	<b>05</b>	<b>25</b>
<b>De 41 à 50 anos</b>	<b>06</b>	<b>30</b>
<b>De 51 à 60 anos</b>	<b>04</b>	<b>20</b>
<b>Acima de 60 anos</b>	<b>00</b>	<b>0</b>
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta, novembro 2014





**Gráfico 01:** Faixa etária das empreendedoras  
**Fonte:** Pesquisa direta, novembro 2014

De acordo com Bayagan (2000), é possível traçar um perfil geral de empreendedoras. No que se refere à faixa etária, o autor estabelece que é geralmente constituída por mulheres entre 35 e 50 anos de idade. No entanto, cabe ressaltar que não é regra, pois não existe idade para empreender.

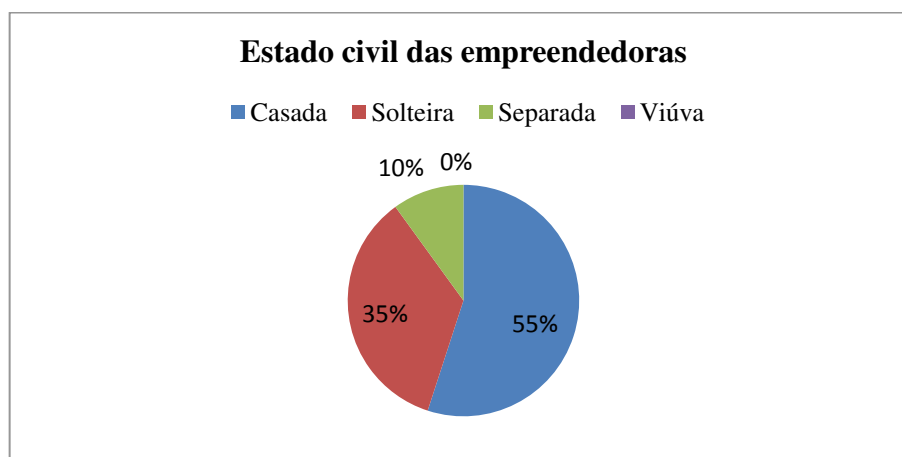
Assim, por meio da entrevista foi possível identificar que a faixa etária apresentada pelas empreendedoras de Santa Gertrudes não refletem o perfil geral traçado pelo autor, uma vez que as mulheres com idade de 41 à 50 anos lideraram o número de empreendimentos na região.

Quanto ao estado civil das empreendedoras, observa-se conforme a tabela 02 que 55% dessas mulheres se declararam casadas, enquanto que 35% afirmaram ser solteiras, e 10% responderam ser separadas.

**Tabela 02:** Estado civil das empreendedoras

Estado Civil	Frequência	Porcentagem (%)
Casada	11	55
Solteira	07	35
Separada	02	10
Viúva	00	00
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta, novembro 2014



**Gráfico 02:** Estado civil das empreendedoras  
**Fonte:** Pesquisa direta, novembro 2014

De acordo com o resultado obtido, nota-se que este critério associa-se com o perfil geral de empreendedoras traçado por Bayagan (2000). Segundo o autor a maioria das mulheres que optam pelo empreendedorismo são casadas e têm filhos conforme se observa na tabela 02 e mais adiante na tabela 04. São mulheres que desejam ser excelentes profissionais, mas também excelentes esposas e mães.

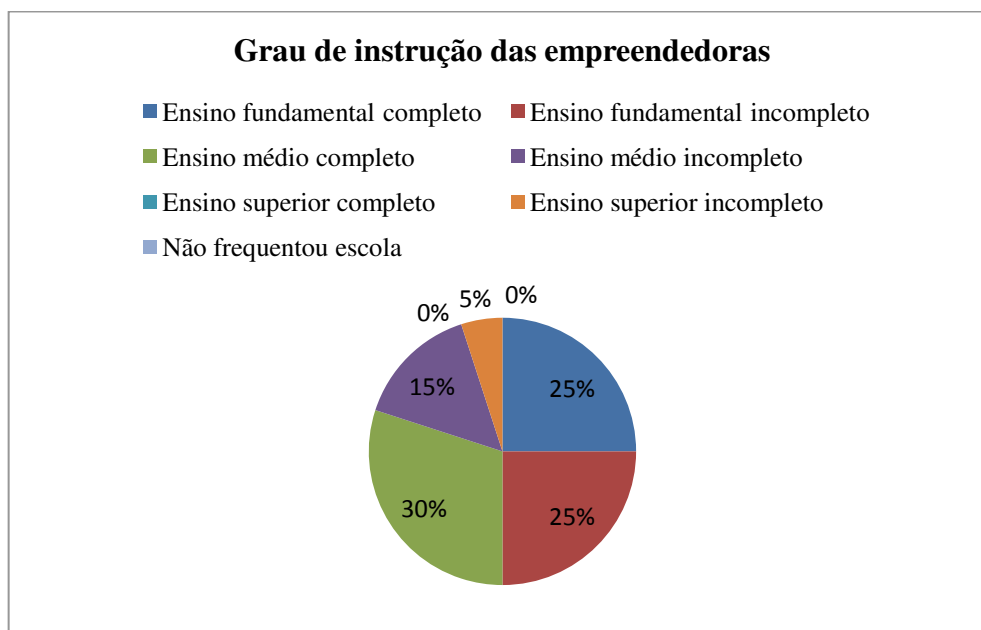
Conforme aborda a empresa Interpreta Consultoria e Educação, atualmente uma média de 35% dos lares brasileiros são sustentados por mulheres e essas mulheres buscam ser referência de sucesso para os filhos. Embora elas continuem muitíssimo concentradas na estabilidade do lar, entendem que as responsabilidades financeiras da casa, também fazem parte de seu papel.

No que se refere ao grau de instrução das empreendedoras, conforme evidencia a tabela 03, percebe-se que ocorre uma variação de nível. As empreendedoras com ensino médio completo representam um total de 30%, em seguida vem as de ensino fundamental completo representando 25% dessas mulheres, o ensino fundamental incompleto também apresenta o mesmo percentual de 25%. Quanto ao ensino médio incompleto estão 15% delas, enquanto que apenas 5% tem ensino superior em andamento, ou seja, ensino superior incompleto.

**Tabela 03: Grau de instrução das empreendedoras**

Grau de instrução	Frequência	Porcentagem (%)
Ensino fundamental completo	05	25
Ensino fundamental incompleto	05	25
Ensino médio completo	06	30
Ensino médio incompleto	03	15
Ensino superior completo	00	0
Ensino superior incompleto	01	5
Não frequentou escola	00	00
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa direta, novembro 2014

**Gráfico 03: Grau de instrução das empreendedoras**

Fonte: Pesquisa direta, novembro 2014

As estimativas para os menos escolarizados indicam a maior probabilidade que esses indivíduos possuem de se engajarem em atividades informais, uma vez que não estão aptos a ocuparem certas atividades no mercado formal de trabalho. É o que percebe-se no distrito Santa Gertrudes, uma vez que 50% das empreendedoras entrevistadas apresentam apenas nível fundamental completo ou incompleto. Essa realidade nos permite compreender que o

trabalho informal é característica daqueles indivíduos menos qualificados e sem alto grau de escolaridade.

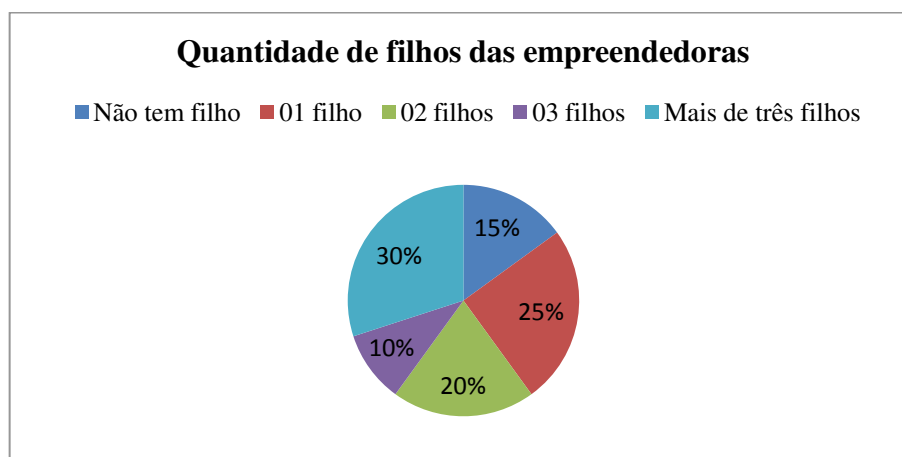
Bruschini (2007), assegura que a expansão da escolaridade e o acesso à universidade são fatores que podem auxiliar as mulheres a conquistarem novas oportunidades no mercado de trabalho. Sabe-se que nos dias atuais não basta apenas ter nível médio completo para assegurar uma vaga no mercado formal. É preciso ir mais além e procurar capacitar-se cada vez mais, o que não se vê no distrito estudado, pois apenas 5% dessas mulheres estão buscando um nível superior.

Na tabela 04 têm-se a quantidade de filhos das empreendedoras. Nesse aspecto, constatou-se que a maioria das entrevistadas 30% têm mais de três filhos, 25% têm apenas um filho, 20% têm dois filhos, 15% não têm filhos e 10% têm três filhos. De acordo com pesquisas realizadas em 2013 pelo Sebrae, havia cerca de 7 milhões de mulheres com seu próprio negócio no país, sendo que, desse total, 70% tinham filhos.

**Tabela 04: Quantidade de filhos das empreendedoras**

<b>Quantidade de filhos</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
<b>Não tem filho</b>	<b>03</b>	<b>15</b>
<b>01 filho</b>	<b>05</b>	<b>25</b>
<b>02 filhos</b>	<b>04</b>	<b>20</b>
<b>03 filhos</b>	<b>02</b>	<b>10</b>
<b>Mais de três filhos</b>	<b>06</b>	<b>30</b>
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta, novembro 2014



**Gráfico 04:** Quantidade de filhos das empreendedoras  
**Fonte:** Pesquisa direta, novembro 2014

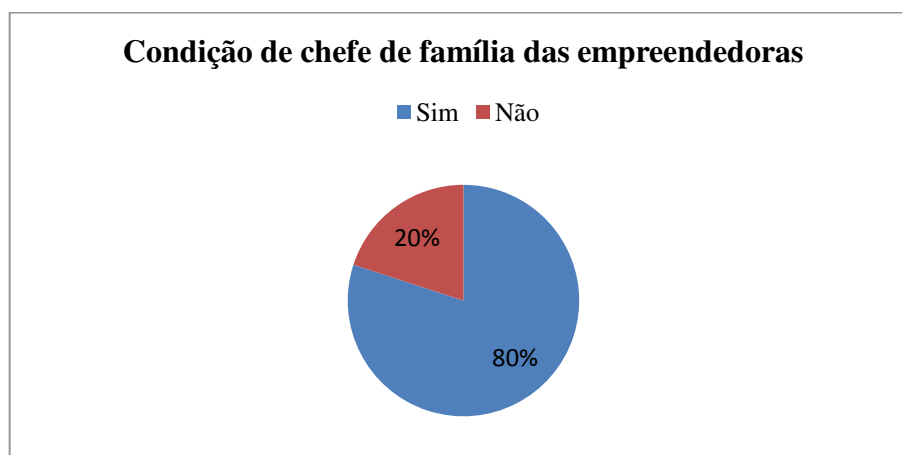
Estudos relacionados ao tema, como é o caso do estudo de Bayagan (2000) também comprova essa afirmativa. Segundo o autor, os filhos são características do perfil das mulheres empreendedoras, conforme constatou-se na pesquisa realizada. Desse modo, é possível compreender que o trabalho por conta própria, apresenta-se como solução para as mulheres que buscam ficar mais próximas de seus filhos e participar efetivamente na vida destes. É sem dúvidas, uma ótima maneira de conciliar a vida familiar com vida a profissional.

Com relação à condição de chefe de família, observa-se por meio da tabela 05 que a maioria das mulheres entrevistadas, cerca de 80% afirmaram ser chefes de família. Isso demonstra que a maior parte das mulheres ainda assumem múltiplos papéis. Elas se esforçam para cumprir as necessidades de casa, dos filhos e dos negócios. Enquanto isso, apenas 20% das entrevistadas afirmaram não ser chefes de família.

**Tabela 05:** Condição de chefe de família das empreendedoras

<b>Chefe de família</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
<b>Sim</b>	<b>16</b>	<b>80</b>
<b>Não</b>	<b>04</b>	<b>20</b>
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta, novembro 2014



**Gráfico 05:** Condição de chefe de família das empreendedoras  
**Fonte:** Pesquisa direta, novembro 2014

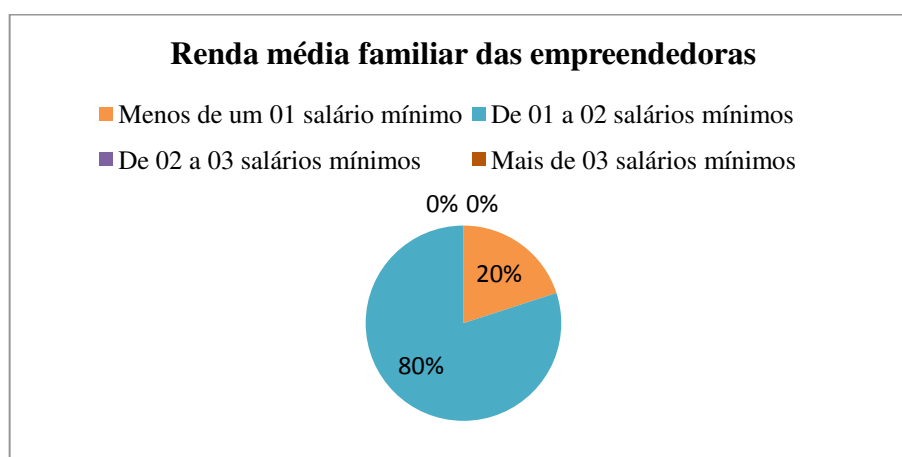
Ainda de acordo com dados recentes do Sebrae, o número de mulheres chefes de família cresceu 12% nos últimos dez anos. São mulheres que tocam o próprio negócio e são as principais responsáveis pela casa. Esse cenário traz uma mudança relevante quando comparado à situação dos anos 1970, onde as famílias eram comandadas quase totalmente por homens. Hoje essa realidade está mudando, as mulheres estão assumindo múltiplos papéis e demonstrando que são capazes de assumir essas novas responsabilidades.

Com relação à renda média familiar das empreendedoras, observa-se de acordo com a tabela 06 que a maior parte das entrevistadas, cerca de 80% apresentam renda que varia de 01 a 02 salários mínimos, enquanto isso, uma minoria de 20% afirmou ter renda inferior a 01 salário mínimo. Nesse caso, cabe ressaltar que, as empreendedoras que alegam receber menos de 01 salário mínimo são mulheres solteiras que moram junto com os pais.

**Tabela 06: Renda média familiar das empreendedoras**

Renda familiar	Frequência	Porcentagem (%)
Menos de um 01 salário mínimo	04	20
De 01 a 02 salários mínimos	16	80
De 02 a 03 salários mínimos	00	0
Mais de 03 salários mínimos	00	0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta, novembro 2014



**Gráfico 06:** Renda média familiar das empreendedoras  
**Fonte:** Pesquisa direta, novembro 2014

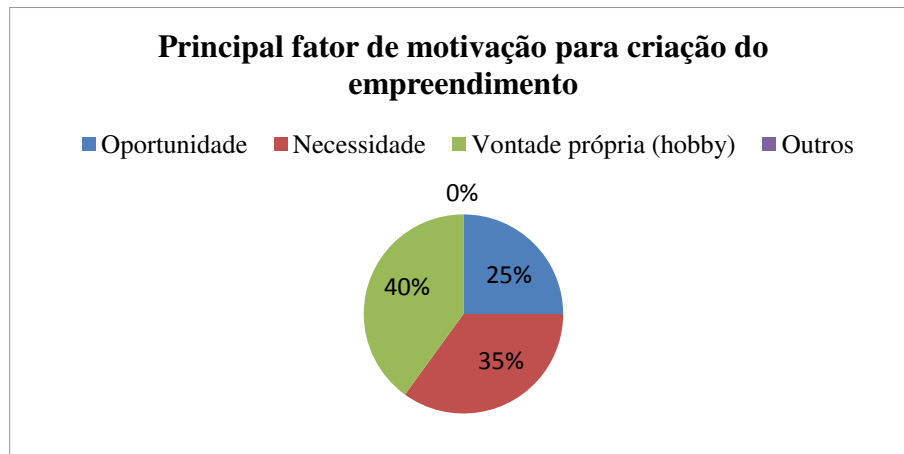
Conforme abordou-se no referencial por Alves (1999) as mulheres buscam no trabalho informal uma maneira de aumentar a renda familiar, realidade constatada no distrito Santa Gertrudes. No entanto, cabe ressaltar que há algumas exceções entre as empreendedoras estudadas. Ao analisar o distrito nota-se também que ainda existem muitas mulheres que sobrevivem exclusivamente desse trabalho, sendo este, sua única fonte de renda.

Quanto ao principal fator de motivação para criação do empreendimento, observa-se por meio da tabela 07 que a maioria das entrevistadas 40% responderam que iniciaram o negócio por vontade própria, ou seja, por uma questão de hobby. O segundo motivo apresentado pelas entrevistadas correspondendo a um total de 35% foi a questão da necessidade. Por fim, apenas 25% das empreendedoras alegaram ter sido por uma questão de oportunidade.

**Tabela 07:** Principal fator de motivação para criação do empreendimento

Principal motivação	Frequência	Porcentagem (%)
Oportunidade	05	25
Necessidade	07	35
Vontade própria (hobby)	08	40
Outros	00	0
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta, novembro 2014



**Gráfico 07:** Principal fator de motivação para criação do empreendimento

**Fonte:** Pesquisa direta, novembro 2014

As razões para iniciar um empreendimento diferem na opinião de diversos estudos e autores. Das (1999) identifica as empreendedoras de três modos: a) as por acaso que não tem objetivos traçados, e que geralmente derivam de algum hobby que praticavam; b) as forçadas, que foram obrigadas a iniciar seu negócio em decorrência de alguma circunstância, como por exemplo, as dificuldades financeiras; e c) as criadoras, que criam suas empresas a partir de sua própria motivação e coragem.

De acordo com a pesquisa, constatou-se que a maioria das empreendedoras do distrito Santa Gertrudes iniciaram seu negócio por hobby, ou seja, porque gostavam desse tipo de atividade que exercem atualmente. Segundo Dogen (1989, p. 28) “[...] São raros os hobbies que não representam oportunidades. É sem dúvida, a forma mais agradável de desenvolver um negócio próprio”. De fato, conforme evidencia o autor, o hobby está literalmente associado à oportunidade, pois influencia decisivamente na escolha e na abertura de um novo empreendimento.

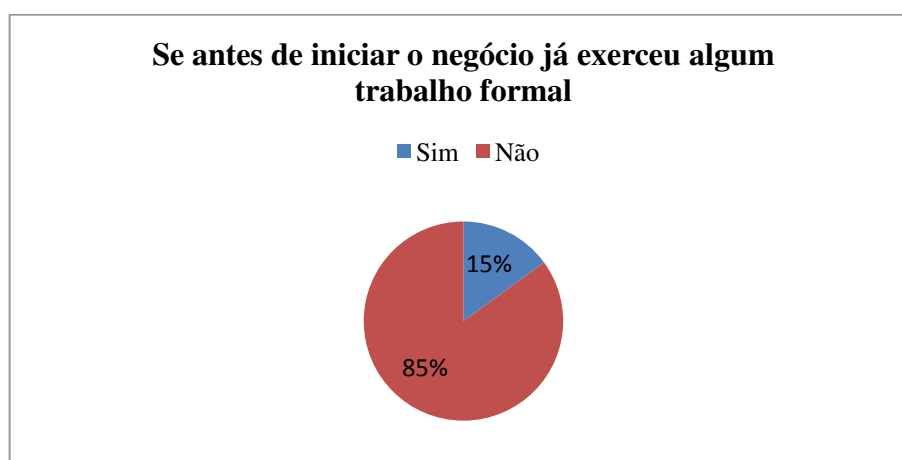
Quando questionadas se antes de iniciar seu negócio as empreendedoras exerceram algum trabalho formal, constatou-se por meio do gráfico 07 que apenas 15% afirmaram que sim. Enquanto isso, um total de 85% afirmaram nunca ter exercido um trabalho formal. Isso significa dizer que a grande maioria dessas mulheres nunca tiveram a oportunidade de trabalhar de carteira assinada.



**Tabela 08: Se antes de iniciar o negócio já exerceu algum trabalho formal**

Se já exerceu trabalho formal	Frequência	Porcentagem (%)
Sim	03	15
Não	17	85
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa direta, novembro 2014

**Gráfico 08: Se antes de iniciar o negócio já exerceu algum trabalho formal**

Fonte: Pesquisa direta, novembro 2014

Conforme foi abordado no embasamento teórico por Aquilini e Costa (2003), a taxa de desemprego entre as mulheres sempre foi superior à dos homens. Isso significa que as mulheres sempre tiveram maiores dificuldades de se inserir no mercado de trabalho, principalmente no que se refere à ocupação de cargos formalizados. Isso confirma a hipótese de que muitas delas foram literalmente empurradas para esse tipo de ocupação, devido às dificuldades de se engajar em atividades formalizadas.

Após analisar o perfil socioeconômico das empreendedoras informais do Distrito Santa Gertrudes, constou-se de modo geral que este é formado em sua maioria por mulheres com faixa etária predominante de 41 à 50 anos de idade; a maioria delas casadas, sem alto grau de escolaridade; possuem mais de três filhos; são chefes de família; têm renda que varia de um a dois salários mínimos; a maioria motivada a empreender por vontade própria e que nunca exerceram um trabalho formal.

Em meio a essa realidade, percebe-se que muitas dessas mulheres ainda enfrentam

dificuldades em gerir seu próprio negócio, seja por falta de experiência, de recursos financeiros ou até mesmo por falta de planejamento. No entanto, o importante é que estas enfrentam com garra e persistência o desejo de manter ativo seu empreendimento tão sonhado, demonstrando assim seu potencial empreendedor.

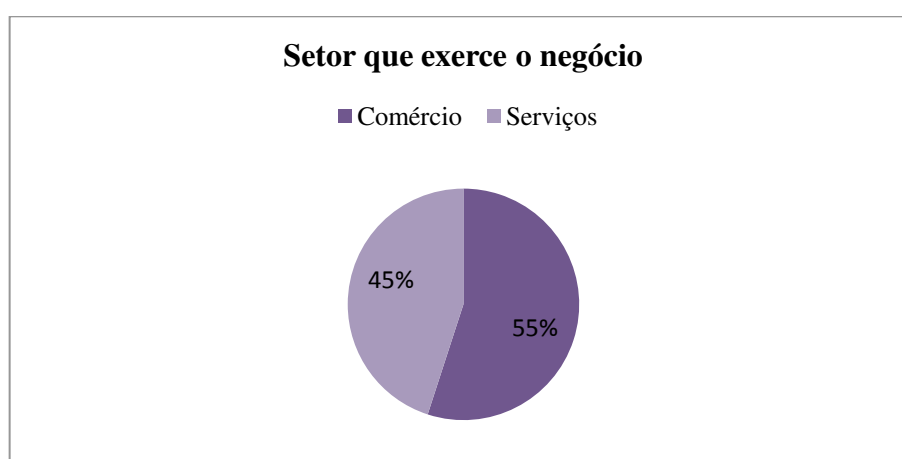
#### 4.2 CARACTERIZAÇÃO DOS EMPREENDIMENTOS E RAZÕES PARA INGRESSAR NA INFORMALIDADE

Com relação ao setor de atuação das empreendedoras de Santa Gertrudes, verifica-se por meio da tabela 09 que 55% das entrevistadas responderam atuar no setor de comércio, enquanto que 45% atuam no setor de serviços.

**Tabela 09: Setor que exerce o negócio**

Setor	Frequência	Porcentagem (%)
Comércio	11	55
Serviços	09	45
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta, novembro 2014



**Gráfico 09:** Setor que exerce o negócio

**Fonte:** Pesquisa direta, novembro 2014

De acordo com Machado et al (2003) a experiência profissional anterior influencia

muito na escolha do ramo de atividade do novo negócio. Isso pode ser observado na entrevista, uma vez que a maior parte das empreendedoras responderam trabalhar em áreas que já tinham experiências anteriores. Estas, relataram que a vocação para o novo negócio foi despertada por meio de experiências antigas relacionadas ao negócio que atuam hoje.

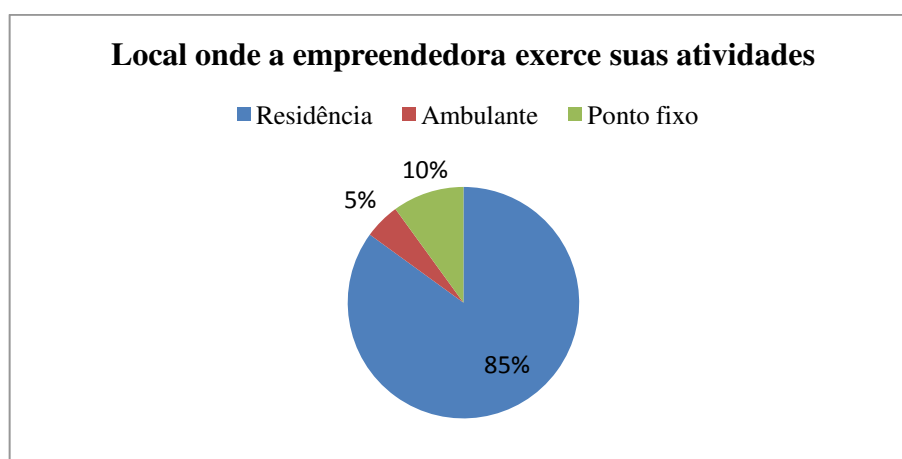
Os principais serviços oferecidos por essas mulheres são: salões de beleza, manicures e costura de roupas; enquanto que os principais comércios giram em torno da venda de confecções, bares e restaurante, lanchonetes e cosméticos.

No que se refere ao local de trabalho das empreendedoras, a maioria delas 85%, responderam que administram seus empreendimentos dentro da própria residência. Enquanto isso, 10% responderam ter um ponto fixo e apenas 5% responderam trabalhar como ambulante, ou seja, de casa em casa.

**Tabela 10: Local onde a empreendedora exerce suas atividades**

Local	Frequência	Porcentagem (%)
Residência	17	85
Ambulante	01	5
Ponto fixo	02	10
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa direta, novembro 2014



**Gráfico 10: Local onde a empreendedora exerce suas atividades**

Fonte: Pesquisa direta, novembro 2014

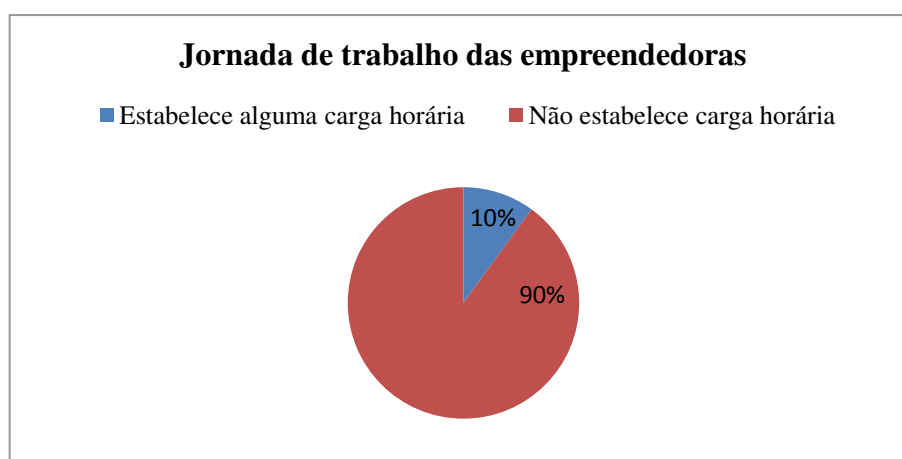
Segundo Carr (1996), ter seu próprio negócio, assim como trabalhar meio expediente ou em casa, são estratégias de trabalho flexível adotadas por mulheres para melhor conciliar as demandas da família e do emprego remunerado. Isso permite que elas dividam melhor seu tempo entre trabalho, os cuidados com a casa e com os filhos. Para Lavinias (2000) as mulheres ainda constituem a principal oferta de trabalho a domicílio, o que favorece uma melhor conciliação entre vida pessoal e profissional.

Quanto à jornada de trabalho das empreendedoras, observa-se conforme a tabela 11 que, 90% das entrevistadas responderam não cumprir nenhuma carga horária de trabalho, ou seja, trabalham de acordo com a demanda dos clientes ou de acordo com sua própria disponibilidade. Enquanto isso, somente 10% afirmaram cumprir alguma carga horária.

**Tabela 11: Jornada de trabalho das empreendedoras**

Jornada de trabalho	Frequência	Porcentagem (%)
Estabelece alguma carga horária	02	10
Não estabelece carga horária	18	90
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa direta, novembro 2014



**Gráfico 11: Jornada de trabalho das empreendedoras**

Fonte: Pesquisa direta, novembro 2014

De acordo com Lindo et al. (2007), a empreendedora informal, apesar de lograr liberdade para organizar seu dia, também trabalha mais ao longo da jornada diária de trabalho,

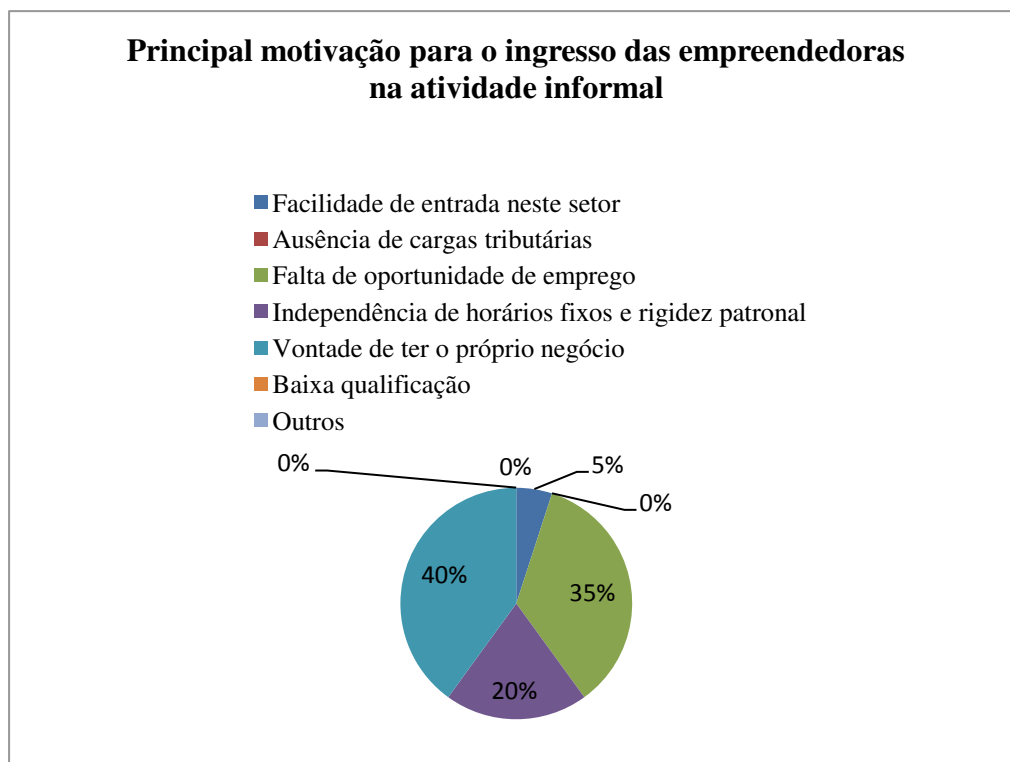
principalmente no início do empreendimento, tendo que abrir mão do lazer, do convívio com a família e, algumas vezes, das próprias férias. No entanto, este não é o caso das empreendedoras de Santa Gertrudes, pois, conforme foi esclarecido anteriormente, a maioria dessas empreendedoras não cumprem carga horária específica, ou seja, estas trabalham no dia e na hora que lhes convém.

Quanto à principal motivação para o ingresso dessas empreendedoras no setor informal, observa-se por meio da tabela 12, que os motivos apresentados foram bem diversificados. Cerca de 40% das entrevistadas responderam que foram impulsionadas a atuar neste setor devido à vontade de ter o próprio negócio, 35% responderam que ingressaram neste setor devido à falta de emprego, 20% responderam ter sido pela independência de horários fixos e da rigidez patronal, demonstrando a preferência de ser sua própria chefe a ter que ser empregado ou funcionário de terceiros. Por fim, somente 5% afirmaram ter sido pela facilidade de se inserir nesse tipo de atividade.

**Tabela 12: Principal motivação para o ingresso das empreendedoras na atividade informal**

<b>Principal Motivação</b>	<b>Frequência</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
<b>Facilidade de entrada neste setor</b>	<b>01</b>	<b>5</b>
<b>Ausência de cargas tributárias</b>	<b>00</b>	<b>0</b>
<b>Falta de oportunidade de emprego</b>	<b>07</b>	<b>35</b>
<b>Independência de horários fixos e rigidez patronal</b>	<b>04</b>	<b>20</b>
<b>Vontade de ter o próprio negócio</b>	<b>08</b>	<b>40</b>
<b>Baixa qualificação</b>	<b>00</b>	<b>0</b>
<b>Outros</b>	<b>00</b>	<b>0</b>
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

Pesquisa direta, novembro 2014



**Gráfico 12:** Principal motivação para o ingresso das empreendedoras na atividade informal  
**Fonte:** Pesquisa direta, novembro 2014

Hirata e Machado (2007) concluem que os indivíduos, independente do sexo, podem entrar no mercado informal por diversos motivos, seja pelo histórico familiar, pela busca de uma jornada de trabalho flexível, pelo controle do seu próprio negócio, assim como pela oportunidade de ganhos superiores àqueles dos empregos assalariados de média e baixa qualificação. Conforme verificou-se na entrevista, a maioria das mulheres do Distrito Santa Gertrudes foram motivadas a ingressar na atividade informal devido a vontade de ter seu próprio negócio, pela falta de oportunidade de emprego na região e pela independência de horários fixos e da rigidez patronal, fatores bastante comuns entre aqueles que atuam nesse cenário.

Conforme foi abordado no capítulo I por Machado et al (2003), são vários os motivos que as levam as mulheres a empreender: desejo de realização e independência, percepção de oportunidade de mercado, dificuldades em ascender na carreira profissional em outras empresas, necessidade de sobrevivência ou uma maneira de conciliar trabalho e família. De fato, cada pessoa possui sua própria motivação, portanto as causas da informalidade não devem ser generalizadas, pois variam de indivíduo para indivíduo.

Quanto questionadas se gostam ou não do que fazem, constata-se por meio da tabela 13 que todas as empreendedoras (100%) afirmaram que sim. Na visão de Chiavenato (2007) as pessoas agem em busca de atingir seus objetivos pessoais e suas necessidades individuais.

**Tabela 13: Se a empreendedora gosta do que faz**

Gosta do que faz	Frequência	Porcentagem (%)
Sim	20	100
Não	00	0
Total	20	100

**Fonte:** Pesquisa direta, novembro 2014



**Gráfico 13:** Se a empreendedora gosta do que faz

**Fonte:** Pesquisa direta, novembro 2014

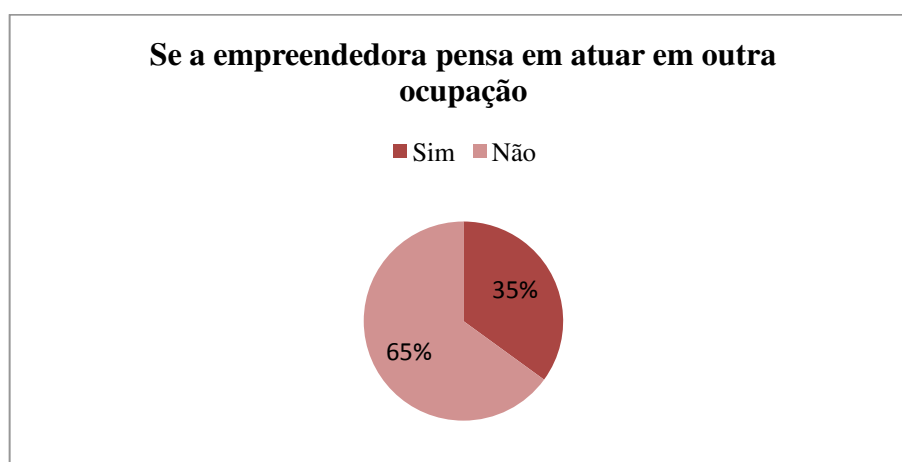
Portanto, à medida que as pessoas trabalham em áreas afins, estas tendem a realizar seus próprios objetivos, desempenhando assim suas tarefas com maior prazer e dedicação. Uma das vantagens do trabalho informal consiste exatamente na oportunidade de fazer o que se gosta.

Com o intuito de saber se as empreendedoras desejam atuar em outra ocupação, constatou-se conforme tabela 14, que 65% das entrevistadas afirmaram que não, pois asseguraram estar satisfeitas com seu trabalho. Enquanto isso, 35% afirmaram que embora gostem do que fazem, futuramente pretendem buscar novas formas de ocupação.

**Tabela 14: Se a empreendedora pensa em atuar em outra ocupação**

Pensa em atuar	Frequência	Porcentagem (%)
<b>Sim</b>	<b>07</b>	<b>35</b>
<b>Não</b>	<b>13</b>	<b>65</b>
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Pesquisa direta, novembro 2014

**Gráfico 14:** Se a empreendedora pensa em atuar em outra ocupação

**Fonte:** Pesquisa direta, novembro 2014

De acordo com Ramalho e Arrouchelas (2004) boa parte da população brasileira hoje depende e mais da metade da população sempre dependeu do trabalho informal. Talvez seja por esse motivo que muitos trabalhadores informais se contentam com esse trabalho. A acomodação já tomou de conta, por isso, não conseguem ver possibilidades de mudança.

No entanto, embora seja minoria, percebe-se ainda que muitas empreendedoras informais almejam sair desse tipo de atividade, apesar de se dizerem satisfeitas, elas querem algo maior pra suas vidas, o sonho de expandir seu negócio ou de se profissionalizar em algo que lhe traga carreira profissional.

Após fazer uma breve caracterização dos empreendimentos informais do Distrito Santa Gertrudes, pôde-se constatar que: nessa região o setor de comércio prevalece sobre o setor de serviços; a maioria das mulheres desempenham suas atividades dentro da própria residência; a maior parte delas não estabelecem carga horária de trabalho; a grande maioria foi motivada a ingressar na informalidade devido a vontade de ter seu próprio negócio, bem como pela falta de emprego na região; todas afirmaram gostar do que fazem e a grande



maioria respondeu que não pensa em atuar em outra ocupação.

Desse modo, foi possível conhecer as principais razões que levaram as mulheres de Santa Gertrudes a atuarem em atividades informais, conhecer a realidade desse lugar e de seus empreendimentos, e assim demonstrar a repercussão do trabalho informal na vida dessas mulheres.

## CONCLUSÃO

Em um ambiente econômico sujeito a incertezas, onde os níveis de oferta de emprego se fazem bem reduzidos, é comum encontrarmos pequenos empreendedores que buscam na informalidade uma maneira de se manterem ativos no mercado de trabalho. Essa é uma realidade bem visível no Distrito Santa Gertrudes, especificamente entre as mulheres, que buscam no empreendedorismo informal a chance de trabalhar para assegurar sua sobrevivência e de suas famílias.

Sabe-se que o trabalho informal pode ser influenciado por inúmeros fatores, sejam eles pessoais, sociais ou culturais. Portanto, foi diante dessa realidade, e tendo em vista que cada indivíduo possui sua própria motivação para empreender, que o presente trabalho procurou conhecer as principais razões que levaram as mulheres do Distrito Santa Gertrudes a atuarem no setor informal.

Embora o desemprego seja um fator marcante nesse distrito, percebe-se que este não foi o único motivo apresentado pelas empreendedoras de Santa Gertrudes ao optar por ingressar na atividade informal. A vontade de ter seu próprio negócio, bem como o desejo de independência de horários fixos e da rigidez patronal também foram fatores representativos dessa escolha. Isso nos permite compreender a importância da atividade informal na vida dessas mulheres que querem começar ou recomeçar uma carreira profissional por conta própria.

O estudo realizado também permitiu conhecer os principais empreendimentos informais liderados por essas mulheres na região, que vão desde setores como alimentação, comércio de confecções, bares e restaurantes, lanchonetes, prestação de serviços como manicures, salões de beleza, costura de roupas e revenda de cosméticos. Quanto as razões para empreender, as empreendedoras destacam-se a vontade de ter seu próprio negócio (hobby), a necessidade financeira e por último a oportunidade de negócio.

Face ao exposto, os resultados aqui encontrados demonstram que, embora seja alvo de inúmeras críticas, a informalidade ainda apresenta-se como uma oportunidade para aqueles grupos de pessoas que encontram-se vulneráveis no mercado de trabalho. É por meio desse tipo de atividade, que muitos indivíduos conseguem a chance de criar seu próprio negócio e de se manterem ativos no mercado de trabalho. Portanto, o trabalho informal pode ser analisado positivamente nessa região, pois representa a única solução de emprego para os

desempregados desse distrito. Compreende-se portanto que a informalidade contribui fortemente com os menos favorecidos, pois colabora com a diminuição do número de pessoas vivendo abaixo da linha da miséria. Ela tem sido a saída para evitar uma crise social, visto que, a sociedade formal que presenciamos não consegue prescindir a informalidade.

Diante do exposto, conclui-se que o objetivo deste estudo foi atingido. Porém, cabe ressaltar que houve algumas limitações no decorrer desse trabalho. A principal delas consistiu na ausência de material bibliográfico disponível na biblioteca do Campus VII da UEPB, dificultando assim a elaboração da parte teórica deste estudo.

Por fim, a realidade do Distrito Santa Gertrudes aponta para a necessidade de se investir em políticas de emprego que transcreva a realidade do mercado de trabalho dessa região, a fim de oferecer melhores condições de vida para seus habitantes. Desse modo também recomenda-se reflexões sobre práticas que continuem possibilitando a integração das mulheres no mercado de trabalho, através de iniciativas empreendedoras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEVEDO, C.R.; NOHARA, J.J. **Monografia no curso de administração: guia completo de conteúdo e forma: inclui normas atualizadas da ABNT, TCC, TGI, trabalhos de estágio, MBA, dissertações, teses.** 3. ed. São Paulo: Atlas,2010.

ALVES, G. **Trabalho e mundialização do capital, a nova degradação do trabalho na era da globalização.** 2 ed. Londrina: Bauru, 1999.

AQUILINI, G. de H.; COSTA, P. L. O sobre desemprego e a inatividade das mulheres na metrópole paulista. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.17, n.49, 2003, p.17-33. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300003&lng=en&nrm=iso)> Acesso em: 23 de fev. 2012.

BAYAGAN, G. Women Entrepreneurs in SMEs: realising the benefits of globalisation and the Knowledge – based Economy. **OECD: Workshop 4: Improving Knowledge about Women’s entrepreneurship.** Paris: OECD, 2000.

BLOG INTERPRETA. **Mundo dos negócios: áreas de destaque para mulheres.** Disponível em: <<https://bloginterpreta.wordpress.com/tag/mulheres-empendedoras/>>. Acesso em: 08 out. 2014.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.37, n.132, Sept. /Dec. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742007000300003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742007000300003&script=sci_arttext)> Acesso em: 24 fev. 2012.

CARR, D. Two Paths to Self-employment? Women’s and Men’s Self-employment in the United States, 1980. **Work and Occupations.** Vol. 23, No. 1: 26-53, 1996.

CARREIRA, D.; AJAMIL, M.; MOREIRA, T. **A liderança feminina no século 21.** São Paulo: Cortez, 2011.

CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A.; SILVA, R. da. **Metodologia Científica.** 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHIARA, M. de. **Trabalho informal tem jornada superior a 48 horas semanais.**

Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,trabalho-informal-tem-jornada-superior-a-48-horas-semanais-imp-,1036333>>. Acesso em: 18 out. 2014.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor: empreendedorismo e viabilização de novas empresas: um guia eficiente para iniciar e tocar seu próprio negócio.** 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

\_\_\_\_\_. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor.** 2ª ed. rev. E atualizada - São Paulo: Saraiva, 2007.

DANTAS, F. **Levantamento mostra que mulheres são maioria entre os novos empreendedores.** Disponível em: <http://portalpaulistaonline.blogspot.com.br/2014/02/mulheres-sao-maioria-entre-os-novos.html>>. Acesso em: 31 out. 2014.

DAS, M. **Women entrepreneur from southern India: an exploratory study.** The journal of Entrepreneurship, Ahmedabad, v.8, n.2, p. 147-163, 1999.

DIAS, D. de S.; SILVA, M. F. da. **Como escrever uma monografia: manual de elaboração com exemplos e exercícios.** São Paulo: Atlas, 2010.

DOGEN, R. J. **O empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial.** São Paulo: McGraw-hill, 1989.

DOLABELA, F. **Oficina do empreendedor.** São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999. cap.1-4.

DORNELAS, J.C.A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios.** Rio de Janeiro: Campus, 2001.

\_\_\_\_\_. **Transformando ideias em negócios.** 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

DRUCKER, P.F. **Inovação e espírito empreendedor.** São Paulo: Pioneira, 1987. Cap. 1, 12 e 13.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de Administração.** São Paulo, v.34, n.2, p.05-28, abr./jun. 1999.

\_\_\_\_\_. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários- gerentes de pequenos negócios. **RAE**, São Paulo, v.39, n.4, p.06-20, out./dez.1999.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

\_\_\_\_\_. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. Atlas, São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIRÃO, I. C. C. **Representações sociais de gênero: suporte para as novas formas de organização do trabalho**. 2001. 130f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **Relatório de Pesquisa: Empreendedorismo no Brasil**. Curitiba: IBQP, 2007,2008.

\_\_\_\_\_. **Relatório Global de Empreendedorismo no Brasil**. Paraná: IPQP/Sebrae, 2002, 62p.

GLOBO.COM. **Mais da metade dos trabalhadores da Paraíba são informais, diz TEM**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/02/mais-da-metade-dos-trabalhadores-da-paraiba-sao-informais-diz-mte.html>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

GODOY, A.S. (1995). Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. v.35, n.32, p. 57-63.

GOMES, A.F. **Mulheres empreendedoras**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2006.

HIRATA, Guilherme Issamu e MACHADO; Ana Flavia. **Conceito de informalidade/formalidade e uma proposta de tipologia**, Rio de Janeiro: IPEA, 2007 n. 34. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/boletim\\_mercado\\_de\\_trabalho/mt34/04N\\_ota2.pdf](http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/boletim_mercado_de_trabalho/mt34/04N_ota2.pdf)>. Acesso em: 16 jun. 2008.

Instituto Brasileiro de Geografia e estatística – **IBGE**. (2006). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - **PNAD**. Rio de Janeiro: 2006.

\_\_\_\_\_. **Economia Informal Urbana: Ecinf, 2003**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em 30 mai. 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas,2007.

LAVINAS, L; SORJ, B; BARSTED, L; JORGE, A. **Trabalho a Domicílio: novas formas de contratualidade**. Textos Para Discussão Ipea, IPEA, v.717, p. 1-48, 2000.

LEITE, C.L. de P. **Mulheres: muito além do teto de vidro**. São Paulo: Atlas, 1994.

LEONE, Eugenia Troncoso. **O perfil dos trabalhadores e trabalhadoras na economia informal**. Escritório da OIT no Brasil. Brasília, 2010. (Série Trabalho Decente no Brasil; Documento de trabalho, n.3).

LINDO, M. R., CARDOSO, P. M., RODRIGUES, M. E., WETZEL, U. (2007). Vida pessoal e vida profissional: os desafios de equilíbrio para mulheres empreendedoras do Rio de Janeiro. **Revista de Administração Contemporânea – RAC**, 1(1), 1-15. Recuperado em 28 set. 2008, em [http://www.anpad.org.br/periodicos/content/frame\\_base.php?revista=3](http://www.anpad.org.br/periodicos/content/frame_base.php?revista=3).

\_\_\_\_\_. Conflito Vida Pessoal vs. Vida Profissional: os desafios de equilíbrio para mulheres empreendedoras do Rio de Janeiro. **Anais... ANPAD**, 2004.

LOPES, R. **A Economia Informal no Rio de Janeiro: problema ou solução**. Rio de Janeiro. Mauad, 1996.

MACHADO, H.V. et al. Empreendedoras: estilo gerencial e desempenho das empresas. Encontro Nacional de Pós-Graduação em Administração, 27, **Anais Eletrônicos...**Atibaia, SP. ANPAD: São Paulo-SP, 2003.

MARTINS, G. de. A.; **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. 3. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MEIRELLES, N.F. **Informalidade é maior no Nordeste**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/informalidade-maior-no-nordeste-3836885>> Acesso em: 31 Out. 2014.

MELO, H.P.; TELLES, J.L. **Serviços e informalidade: o comércio ambulante do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. Texto para discussão, n.773.

**MINISTERIO DO TURISMO**. Disponível em: <<https://www.convenios.gov.br/siconv/ConsultarProposta/ResultadoDaConsultaDeConvenioSelecionarConvenio.do?sequencialConvenio=754939&Usr=guest&Pwd=guest>> Acesso em: 08 set. 2014.

NEVES, J. L.(1996). Pesquisa qualitativa- características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**. São Paulo. v.1,n.3. 2ºSem.

OLIVEIRA, P.A.de. **O Desemprego Estrutural**. Disponível em: <[http://www.fmr.edu.br/publicacoes/pub\\_08.pdf](http://www.fmr.edu.br/publicacoes/pub_08.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2015.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO - OIT. **Employment, incomes and equality: a strategic for increasing productive employment in Kenya**. Geneva: ILO, 1972.

**PATOS ON LINE**. Patos tem 5.064 mulheres a mais do que homens. São Sebastião é o maior bairro em população. Disponível em: < <http://www.patosonline.com/post.php?codigo=39078>>. Acesso em: 12 mai. 2014.

PAULA, J. A de; CERQUEIRA, H. E. A. da G.; ALBUQUERQUE, E. da M. e. **Teoria econômica, empresários e metamorfose na empresa industrial**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2000.

**PB AGORA**. Empreendedorismo feminino cresce mais de 20% em 10 anos. Disponível em:<<http://www.pbagora.com.br/conteudo.php?id=20140207150320&cat=economia&keys=empreendedorismo-feminino-cresce-mais-anos>> acesso em: 31 out. 2014.

\_\_\_\_\_. **Emprego: informalidade atinge um milhão de trabalhadores paraibanos, aponta IBGE**. Disponível em: <<http://www.pbagora.com.br/conteudo.php?id=20110207073333>>. Acesso em: 07 out. 2014.



PEREIRA, J.M. **O agravamento do mercado de trabalho no Brasil**. Disponível em <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,o-agravamento-do-mercado-de-trabalho-no-brasil-imp-,1533709>>. Acesso em: 11 set. 2014.

PIMENTA, S. M.; SARAIVA, L. A. S.; CORREA, M. L. **Terceiro setor: dilemas e polêmicas**. São Paulo: Saraiva, 2006.

PINHEIRO, R.M. et al. **Comportamento do consumidor e pesquisa de mercado**. 3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PIRES, Alessandra. **Mulheres são maioria entre os novos empreendedores**. Exame. Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/pme/noticias/mulheres-sao-maioria-entre-os-novos-empreendedores>> Acesso em: 29 abr. 2014.

RAMALHO, Jether Pereira; ARROCHELLAS, Maria Helena. **Desenvolvimento, subsistência e trabalho informal no Brasil**. São Paulo: Cortez ; Petrópolis, RJ: Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade – CAALL, 2004.

RAMOS, Ivonete da Silva. **Mulheres no terceiro setor da economia: o mito da emancipação feminina**. Dissertação submetida ao departamento de pós-graduação em economia. **Universidade Federal de Santa Catarina**, Florianópolis, 2006.

ROESCH, S.M.A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão e estudos de caso**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SOARES, M.A.T. **Trabalho informal: da funcionalidade à subsunção ao capital**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2008.

SOUZA, E. C. L. de. **A disseminação da cultura empreendedora e a mudança na relação universidade empresa. Empreendedorismo: competência essencial para pequenas e médias empresas**. Brasília: ANPROTEC, 2001.

TRINDADE, F. **Os desempregados são o exército industrial de reserva do capitalismo.** Disponível em<<http://franciscotrindade.blogspot.com.br/2013/07/os-desempregados-sao-o-exercito.html>>. Acesso em: 07 out. 2014.

VERGARA, S.C. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração.** 13. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

\_\_\_\_\_. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração.** 9.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

WEBER, M.: **The Protestant Ethic and the Spirit of Capitalism,** London, 1930.

WILKENS, J. **A mulher empreendedora:** como iniciar o seu próprio negócio. São Paulo: Mc-Graw-Hill, 1989.

**APÊNDICE**  
**APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA**

Este roteiro de entrevista objetiva a coleta de dados para a pesquisa de conclusão do curso de Administração da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus VII, cujo objetivo consiste em conhecer as principais razões que levaram as mulheres do Distrito Santa Gertrudes a ingressarem no setor informal. Quanto as informações, cabe ressaltar que as mesmas serão utilizadas somente para fins acadêmicos, não sendo obrigatório a identificação das entrevistadas.

Pesquisadora: Mayara Gomes da Silva

**Parte I- Perfil das empreendedoras**

1. Faixa etária:  Até 20 anos                       51 a 60 anos  
 21 a 30 anos                       acima de 60 anos  
 31 a 40 anos  
 41 a 50anos

2. Estado civil:  
 Casada    Solteira    Separada    Viúva

3. Grau de instrução:  
Ensino fundamental:       Completo    Incompleto  
Ensino médio:               Completo    Incompleto  
Ensino superior:             Completo    Incompleto  
Não frequentou a escola:

4. Tem filhos?  
 Não  
 01 filho  
 02 filhos  
 03 filhos

Mais de três filhos

5. É chefe de família?

Sim  Não

6. Qual sua renda média familiar?

Menos de 01 salário mínimo

de 01 a 02 salários mínimos

de 02 a 03 salários mínimos

mais de 03 salários mínimos

7. Qual o principal fator de motivação para a criação do seu empreendimento?

Oportunidade  Necessidade  Vontade própria (hobby)

Outros

8. Antes de iniciar seu negócio, já exerceu algum trabalho formal?

sim  não?

## **Parte II- Características dos empreendimentos e razões para ingressar na informalidade**

9. Em qual setor exerce seu negócio?

comércio  serviços

Que tipo de atividade desempenha? \_\_\_\_\_

10. local da atividade:

residência  ambulante  ponto fixo

11. Quanto à sua jornada de trabalho:

estabelece alguma carga horária

não estabelece carga horária

12. Qual a principal motivação para o seu ingresso na atividade informal?

facilidade de entrada

- ausência de cargas tributárias
- falta de oportunidade de emprego
- independência de horários fixos e da rigidez patronal
- vontade de ter o próprio negócio
- baixa qualificação
- outros

13. Você gosta do que faz?

- sim  não

14. Pensa em atuar em outra ocupação?

- sim  não